



O jornal de estudantes
de medicina da USP



São Paulo, Março de 2007 · Ano LXXVII - Edição nº 02

PANELAS DE INTERNATO

A questão que não quer calar!



LEIA EDITORIAL pág. 2 | **LEIA ARTIGO** nas pág. 4 e 5

OSUSP NA FMUSP

A Orquestra Sinfônica da USP chega à Faculdade de Medicina em 2007 com um cardápio requintado de músicas de câmara, todas as terças-feiras no teatro.
Página 9.

EXPOSIÇÃO DE ANATOMIA:

A Oca do Ibirapuera traz corpos humanos reais plastificados, uma exposição muito interessante para estudantes de Medicina.
Página 8.

FINANCEIRO:

Leia os artigos nas Páginas 3, 4, 6 e 7.

PROVA DE RESIDÊNCIA:

Leia o ARTIGO sobre a prova de residência, um dos temas mais controversos de toda a Faculdade. Leia editorial página 2 e artigo página 7.

CALOUROS 95:

Agora que a turma 95 já faz parte da Faculdade, realizamos uma entrevista com os calouros, para que eles pudessem exprimir seus sentimentos ao integrar a Casa.
Página 15.

Semana de Recepção:

Veja as fotos de quem esteve na semana mais esperada do ano! Páginas 12 e 13



EDITORIAL

Lar, triste lar

Casa antiga, mobília restaurada, família tradicionalmente unida. Em um panorama cinematográfico, o drama das questões internas comove a todos que compartilham da rotina desta gloriosa Casa. Enquanto cadeiras, mesas, corredores e salas são restaurados, não se pode deixar de expressar a tristeza que é ver nossos irmãos mais velhos não conseguirem voltar ao seio da Casa na qual moraram tanto tempo de suas vidas. O que se pode dizer de um terço dos nossos irmãos mais velhos que se encontram do lado de fora da porta, batendo vigorosamente e implorando para voltar ao lar não mais acolhedor? Será a chave trocada o problema? Ou será a fechadura, que, não sendo coerente com a moldura da chave, não permite que se abra a porta? Será que os pais não ensinaram como abrir a

porta? Ou será que os mais velhos aprenderam até coisas mais difíceis, como abrir cofres, cadeados robustos, fechaduras com chave tetra, mas não conseguem abrir a tão simples porta? Por que não se mexem os pais para resolver o problema?

Na cozinha, mantém-se o jogo de panelas antigo, muito usado, mas em excelentes condições. Os filhos saboreiam a boa comida, feita pela velha panela, que conserva o sabor gostoso e o tempero de várias gerações que ajudou, ao propiciar energia para que seus degustadores pudessem salvar mais vidas. Será que vale a pena trocar o jogo de panelas por aquelas de "Tefal", nas quais não há afinidade entre a comida e a panela? Será interessante utilizar a mesma panela anti-aderente para vários pratos em uma mesma refeição?

Na última edição do Bisturi foi publicado um texto que procurou explicar a origem e o destino dos recursos do CAOC, prestar contas até janeiro e mostrar a situação em que nos foi transmitida a entidade. No entanto, em momento algum tivemos a intenção de ofender ou atacar a última gestão do CAOC. Assim, lamentamos qualquer mal entendido que possa ter ocorrido.

Entretanto, no texto-resposta do ex-tesoureiro do CAOC, há diversas afirmações que não condizem com a verdade. Em função disso, cabe explicar ao leitor o que de fato aconteceu, a fim de que se evitem futuras dúvidas.

Na reunião de passagem de gestão, a ex-diretoria do CAOC debateu sobre "a responsabilidade de ser organizador do COBREM (Congresso Brasileiro dos Estudantes de Medicina), sobre a possibilidade de lucros e prejuízos" (Ata da reunião 30/11/2006, p. 81 – verso, disponível no CAOC). Também foi colocado que o ECEM (Encontro Científico dos Estudantes de Medicina) de 2003 gerou um prejuízo de dezenas de milhares de reais. Tal fato, aliado à falta de condições organizacionais para realizar tal congresso e à vontade expressa pela gestão anterior em participar ativamente na coordenação do evento, contribuiu para que a gestão 2007 decidisse não participar do congresso como organizadora institucional. Entretanto, em momento nenhum deixamos de oferecer suporte aos nossos colegas, quer seja estrutural, quer logístico, para que a imagem deles e da Faculdade não fosse prejudicada. Além disso, seria incoerente com a nossa proposta de campanha colocar o CAOC como organizador de um evento de tamanho porte, já que nossa prioridade, em curto e médio prazo, é a reestruturação interna da entidade acadêmica. Nunca mencionamos que antiga gestão tivesse a intenção de dar prejuízo no evento; pelo contrário, sempre vimos nossos colegas trabalhando fortemente, a fim de que o congresso pudesse sair da melhor maneira possível, gerando lucro e fortalecendo o nome das entidades organizadoras (DENEM e CAPB), de seus organizadores alunos da FMUSP e de outras faculdades da regional sul 2. Quanto à transparência da gestão 2007, questionada pelo ex-tesoureiro, gostaríamos de publicar a prestação de contas da gestão 2006 em um lugar público, a fim de que todos pudessem ter acesso a tais informações, atualmente restritas às poucas pessoas que têm acesso. Pedimos, portanto, que o ex-tesoureiro seja transparente na sua palavra e faça a prestação de contas, coisa que não fez até hoje.

É importante ressaltar que o texto do atual tesoureiro não apresenta informações falsas. Há apenas 2 erros: a gestão de 2005 pagava até agosto de 2005 R\$ 800,00 mensais para uma professora de Coral (e não até o início de 2006); gasto com viagens de janeiro até outubro de 2006, foi de R\$ 16.106,85 (e não de R\$ 4.000,00).

Com relação às atas, para facilitar a comunicação em uma era digital, a gestão 2007 tem feito atas digitalizadas em tempo real durante as reuniões, que, posteriormente, ficam à disposição com a secretária no CAOC, para quem quiser ver.

A diretoria do CAOC também não apoia os comentários feitos sobre a Atlético e o DC, duas instituições com as quais mantém um bom relacionamento.

Diretoria CAOC 2007

CARTA DOS LEITORES

A Crise na Educação Médica no Amazonas

Caros colegas, após algum tempo afastados da DENEM, os estudantes de medicina do Estado do Amazonas retornam ao Movimento dos Estudantes de Medicina, trazendo uma realidade alarmante.

Existem hoje no estado três escolas médicas, a saber: Universidade Federal do Amazonas - UFAM, Universidade do Estado do Amazonas - UEA (6º ano de existência) e Centro Universitário Nilton Lins - UNI Nilton Lins (privada, 6º ano de existência), sendo que cada escola possui uma proposta de formar cerca de 120 médicos/ano, com um montante das 3 escolas de 360 médicos/ano, totalizando em torno de 2160 graduandos de medicina entre os 6 anos do curso. Soma-se a isso uma perspectiva sombria de até o início de 2008 surgirem mais duas escolas privadas no estado, aumentando-se geometricamente o número de alunos.

Apesar do aumento do número de novas escolas, o mesmo não ocorre com a rede hospitalar, sendo que os dois principais hospitais gerais públicos do estado (Hospital Getúlio Vargas - vinculado à UFAM e Fundação Hospital Adriano Jorge FHAJ - conveniado a UEA) trabalham bem abaixo de suas capacidades, principalmente por dificuldades financeiras. E são esses dois hospitais gerais os principais campos de atividades práticas dos alunos de medicina das universidades públicas, atividades que ocorrem com o mínimo de suporte devido a grande demanda de alunos e número reservado de leitos ativos nesses hospitais.

Além da realidade das escolas públicas tem-se também um trâmite obscuro em, relação à coordenação de medicina da UNI Nilton Lins pois se construiu um Hospital (Hospital Nilton Lins) com verbas da universidade, com a promessa de ser hospital universitário, mas que, desde sua inauguração no ano passado, apresentou-se como um hospital privado com fins lucrativos e sem abertura aos estudantes. Diante dessa realidade, os alunos de medicina da UNI Nilton Lins foram "jogados" nos Hospitais do SUS que já estão sobrecarregados por alunos das escolas públicas, em particular na Fundação Hospital Adriano Jorge, que está recebendo cerca de 500 alunos da UEA e espera-se o mesmo número da UNI Nilton Lins, sendo que hoje o citado hospital conta com um pouco mais de 100

leitos ativos e a ideia de 1000 alunos para 100 leitos causou uma intensa revolta nos alunos da Estadual (UEA).

Deve-se chamar a atenção para o fato de que, por pressões políticas e falta de politização dos estudantes, há mais de 2 anos a UEA perdeu os CAs e que esse fato se tornou do conhecimento dos alunos apenas na segunda semana de dezembro de 2006, durante a mudança da direção do hospital, momento também no qual os alunos da UEA entraram para um período de 4 meses de férias - dezembro de 2006 a abril de 2007, ou seja, o processo de entrada dos estudantes da UNI Nilton Lins na FHAJ ocorreu num período em que a UEA está vazia, o que dificulta a articulação dos estudantes acerca dessa manobra política, chamada de "Golpe do Hospital".

Em caráter de urgência, os alunos da UEA mobilizaram uma Assembléia Geral dos Estudantes de Medicina para responder ao ocorrido, arrecadando mais de 500 assinaturas, validando-se, assim, a assembléia. Porém, devido ao receso, tornou-se cada vez mais difícil haver foro para as assembléias gerais, e, para solucionar esse problema, deliberou-se da última assembléia uma comissão de dez alunos que representam os estudantes até abril de 2007, época na qual a comissão se compromete a convocar o processo eleitoral para os CAs.

Deste então, a citada comissão vem trabalhando meios para reverter a situação que impôs esse caos na educação médica. Tem trabalhado em conjunto com o Diretório Acadêmico Humberto Mendonça da UFAM (parceria UEA e UFAM) para promover o Encontro Regional dos Estudantes de Medicina do Norte (Norte EREM), em Manaus, no período de 27 de abril a 01 de maio e chamar atenção do resto do Brasil à crise instalada.

Assim, os estudantes de medicina do estado do Amazonas clamam a todos os centros e diretórios acadêmicos do Brasil e a DENEM apoio à luta para reverter esse cenário angustiante em que vivemos.

Gratos,

Comissão representativa dos Estudantes da Escola superior de Ciências da Saúde da Universidade do Estado do Amazonas CRA-ESA/UEA.

JORNAL DOS ESTUDANTES DE MEDICINA DA USP

Departamento de Imprensa Acadêmica - Centro Acadêmico Oswaldo Cruz

EDITOR-CHEFE

Arthur Hirschfeld Danila

ACESSORIA DE IMPRENSA DAS INSTITUIÇÕES ACADÊMICAS

Ana Karina Silva Cardoso (DC) • Luciana de Andrade Carvalho (EMA) • Luiz Filipe Gottgroy L. de Carvalho (Bandeira Científica) • Philippe Hawlitschek (Medicina Jr) • Saul Almeida da Silva (Show Medicina)

DIAGRAMAÇÃO E ILUSTRAÇÕES

R1 Comunicação. Tel: (11)3654.2306

IMPRESSÃO

Gráfica Talga

TIRAGEM

5.000 exemplares

Este jornal não se responsabiliza pelos textos assinados.

Textos, dúvidas e críticas devem ser enviados para obisturi2007@gmail.com

CARTA-RESPOSTA

Seguindo a política democrática de publicação de cartas-resposta, o corpo editorial d'O Bisturi julgou pertinente o pedido de resposta do ex-tesoureiro do CAOC ao texto escrito pelo atual Tesoureiro do CAOC, e, portanto, o publica nesta edição. Vale lembrar que o jornal não se responsabiliza pelos textos assinados e pretende sempre estimular o debate entre posições discordantes que convivem na nossa Casa.

Como (infelizmente) estão funcionando as coisas no CAOC

Gabriel Elias Correa de Oliveira
(Mococa 91)

Na última edição deste *O Bisturi*, o atual Tesoureiro do CAOC escreveu o texto *Como funcionam as finanças do CAOC*, no qual ele tanto tentou explicar como é o mecanismo de funcionamento administrativo do nosso Centro Acadêmico, além de tentar também apontar alguns detalhes financeiros que competem à gestão passada do CAOC, da qual eu fui 1º Tesoureiro. Infelizmente, ele não foi capaz de fazer tal apontamento de uma forma responsável - o texto está completamente embasado em dados que ele não soube como interpretar (imagino eu que por ele estar pouquíssimo familiarizado com a rotina do CAOC ou com situações administrativas-burocráticas típicas da função que ele está exercendo agora) ou com informações simplesmente infundadas. Por ter sido citado no referido texto e entender que fui difamado pelo mesmo (pois em diversas situações o Tesoureiro tenta insinuar a existência de uma falsa irresponsabilidade minha e da Gestão 2006) exigi meu Direito de Resposta, como tal escrevo o texto abaixo, apontando as diversas calúnias e informações erradas presentes no artigo, além de lançar algumas perguntas sobre o CAOC no ano de 2007.

Logicamente, e ao contrário do texto anterior, apresento aqui somente informações condizentes com a realidade - já que eu tenho consciência das implicações legais e morais deste texto. Não tento, portanto, lançar informações que desviem a atenção do leitor para datas de vencimento ou valores simples, mas informações para que nós mantenhamos nosso Centro Acadêmico como uma instituição séria da FMUSP, e não como um simples entretenimento ou degrau para objetivos pessoais.

Nosso CAOC é, como tudo em nossa Faculdade, um lugar de destaque. Somos uma entidade estudantil forte, estável, rica e dispomos da maior área concedida a estudantes no Brasil. Enquanto a imensa maioria dos alunos de Faculdades públicas ou privadas dispõe de um pequeno CA (tanto no tamanho como na importância), nós da FMUSP somos membros de um Centro Acadêmico com 94 anos de experiência e com representatividade verdadeira. Ao longo de sua trajetória o CAOC teve clare-

za de seus objetivos, meios e missão: Representar o interesse do corpo discente da Faculdade de Medicina através do uso de instrumentos legais e democráticos, valorizando a opinião, autodeterminação e independência destes Estudantes.

Os poderes e a independência do CAOC já tiveram de ser inúmeras vezes reafirmados, por terem sido ameaçados - seja pelas duas Ditaduras que se instalaram no Governo brasileiro, seja pelas inúmeras ditaduras que se instalaram na Diretoria da FMUSP ao longo de todos estes anos. Estas ameaças, porém, pouquíssimas vezes vieram dos próprios estudantes.

Após o incêndio criminoso acontecido no Porão em 1999, a Diretoria da FMUSP resolveu iniciar por ali a Reforma e Restauro do Prédio Principal. Durante o processo da reforma, porém, tentou-se tomar dos alunos o direito de usufruto do subsolo da Faculdade. Os Membros e a Diretoria do CAOC então invadiram o espaço das reformas, quebraram muros e se re-apoderaram do espaço, conquistando em seguida novamente o direito legal de cessão do Porão aos Estudantes. O Centro de Vivência, os Pátios e todo o subsolo nos foram entregues reformados, com grandes espaços a serem explorados e diversas opções de atuação. A estrutura organizacional e financeira do CAOC, porém, estava totalmente desmontada e desaparelhada.

A continuidade das Gestões que se deram no CAOC nos últimos anos, pode-se dizer, foi dedicada a re-estruturar o espaço, a organização e legitimidade da Entidade. Entre 2003 e 2006 o espaço foi regularizado para locação conforme a legislação dita (por meio de Licitações Públicas de livre concorrência, que permitem uma maior vantagem do aluguel àquele que está oferecendo), as Licitações foram abertas e conseguimos conquistar boas fontes de renda, mobilizamos todo o CV, colocamos máquinas de refrigerantes, fliperamas, orelhões, montamos o DIS - e com ele o número de festas aumentou. Demarcamos o espaço dos estudantes pelo confronto direto em diversas situações, como nas tentativas de fechamento do estacionamento ou nas tentativas de corte no subsídio da nossa alimentação. Aparelhamos a Diretoria do CAOC e isso permitiu que organizássemos melhor nosso trabalho dentro e fora da FMUSP. Renasce-

mos, reorganizamos e demos tratamento de primeira linha a este *Bisturi*, por se tratar de nossa mais poderosa ferramenta de afirmação. Organizamos uma Representação Discente coesa e representativa dentro de diversos espaços da FMUSP, tentando abolir o "cada um por si" e o "mocó" nos cargos de Representação Estudantil trabalhamos todos estes anos para legitimar a força da opinião e dos interesses coerentes dos estudantes desta Casa.

A Gestão 2006 CAOC de Todos se considera uma destas Gestões. Formamos uma chapa e tomamos posse da Diretoria deste grandioso Centro Acadêmico imbuídos deste senso de responsabilidade e compromisso com o interesse coletivo que marca o trabalho da Instituição. Por isso mantivemos diversas políticas de atuação e administração que já eram praxe do CAOC há anos, além de criar novos projetos, festas e método de administração. Apesar das inúmeras e sérias turbulências sofridas e/ou desencadeadas pela Diretoria do CAOC em 2006 (das quais temos consciência dos erros), mantivemos sempre completamente intactos os propósitos do Centro Acadêmico: Democracia, Transparência e Responsabilidade com o Patrimônio e com a Opinião coletivos.

É incompreensível, portanto, que a Gestão 2007 CAOC Agora Vai (que mantém um discurso de oposição às últimas Gestões do CAOC), através do artigo de seu 1º Tesoureiro, inicie seu ano de estória na gestão do Centro Acadêmico declarando que "*Esperávamos um CAOC quebrado*". Obviamente esta afirmação é apenas uma simples e fútil afronta política sem sentido ou relação com a realidade; pelo contrário: Nos últimos três anos (sendo que em 2005 e 2006 houve permanência do 1º Tesoureiro eu), foram acumuladas dezenas e milhares de Reais no Fundo de Aplicação de Renda Fixa do CAOC. É de se espantar, também, outra declaração do atual Tesoureiro, afirmando que nossa renda diminuiu no último ano por uma "*negociação ruim*" com a Livraria Atheneu - enquanto que na verdade a livraria deixou de alugar nosso espaço por ter vendido pouquíssimos livros aos estudantes durante os dois anos em que lá esteve, e não pela Diretoria do CAOC ter desrespeitado ou sido inflexível com qualquer termo do Contrato de Loca-

ção. Além disto, a Gestão de 2006 manteve as Licitações para as demais lojas, em busca de novos locatários (um processo que pode parecer simples, mas que é difícil por requerer diversos compromissos fiscais do locatário) e fontes de renda.

Estes acima são apenas dois exemplos dentre as inúmeras afrontas descabidas presentes no artigo *Como funcionam as contas do CAOC* - que, aliás, pouco explica como funciona a contabilidade do CAOC e com quais aspectos ela se ocupa, mas se retém longa e desnecessariamente em citar falhas pontuais e informações falsas (desacompanhadas de provas) e/ou descontextualizadas (que podem estar presentes em qualquer sistema de contabilidade amador, como é o caso) sobre a Gestão 2006 tentando deslegitimar todo o trabalho responsável e coerente exercido pelos Diretores que estiveram à frente do CAOC no último ano.

Dizendo que optaram por retirar o CAOC da Comissão Organizadora do COBREM para evitar ter de financiar o evento a nova Gestão pode estar tentando dar a entender que a antiga gestão tinha esta intenção; o que se trata de um absurdo. Os ex-diretores do CAOC que trabalhavam na Comissão Organizadora Congresso trabalharam para que o seu financiamento não estivesse ameaçado; e inclusive ao final e COBREM foi lucrativo para as Entidades que o organizavam (e o CAOC estaria entre elas). São alguns milhares de reais que nós deixamos de ganhar.

Em seguida se afirma que "*o CAOC nas últimas gestões era muito caro*", porém os itens enumerados em seguida só mostram gastos pertinentes: encargos trabalhistas, tarifas bancárias, assinatura de jornal e TV (sendo estes também licitados). Inquirido, o novo Tesoureiro me exemplificou verbalmente que para conte-los ele havia se aproveitado da troca de secretárias para diminuir o salário da única funcionária do CA. Além disto estão ocultados alguns outros gastos feitos cotidianamente em 2006, como por exemplo o gasto com Xérox: O CAOC arcava com o custo de todos os xérox tirados pelo Depto. Científico, Bandeira Científica, MedEnsina e EMA, além de seus próprios (que eram em média 8 vezes menores que os do DC),

CARTA-RESPOSTA

e com os encargos trabalhistas da Secretária do DC

Com uma salada de palavras sem sentido, então, o texto diz que nossos Espaços Abertos e Semana Cultural foram melhores simplesmente por que ganhamos mais dinheiro com o aluguel da Atheneu. Oras, em primeiro lugar: o próprio texto já dizia, corretamente, que a livreria já havia saído do CAOC e não contávamos com o valor do seu aluguel. Em segundo lugar esta afirmação dá a entender que os eventos do nosso Depto. Social no ano passado - que foram todos animais, como o CAOC-Idol, o Espaço Aberto com Red Label e a Cervejada do 6º ano com Smimoff grátis, as canecadas - ocorreram por acaso, e não por serem uma meta (muito bem cumprida) da Gestão 2006... As festas, é preciso dizer, consumiram pouco mais de R\$16 mil reais em 2006, valor superior aos de qualquer outro gasto não-estrutural do CAOC no ano.

Ao pretender prestar contas do dia 15 de dezembro, o atual Tesoureiro aponta um depósito de R\$ 4290,00 na conta do CAOC que eu não saberia explicar a origem. Ao discutir a origem do dinheiro previamente comigo, porém, o mesmo Tesoureiro não contava com a informação de que a quantia provinha da agência do BB de Niterói/RJ - utilizada pela DENEM, que estava nos pagando o devido pelos programas de intercâmbio internacional do qual participamos. Eis aí a explicação sobre daonde veio este dinheiro de entrada misteriosa - que eu saberia dar a qualquer momento tendo esta informação.

E sobre a suposta "ingerência" de nossa gestão sobre a seguinte: Trata-se de imenso desconhecimento sobre a rotina burocrática e financeira de uma instituição ignorar a existência de contas a vencer que desrespeitam datas por nós determinadas.

Porém a afirmação mais grave, a meu ver, pode ser assim classificada por ser um erro sem nexos.

Afirma-se que até o início de 2006 nós pagávamos o salário da Coralina, de R\$ 800,00. O Coral, porém, já não é sustentado pelo CAOC desde 2005. Como então o atual Tesoureiro pôde afirmar que fazjamos este pagamento por até 7 meses depois? Para entender sua afirmação, podemos seguir duas hipóteses: Ou ele viu os últimos recibos de pagamento do salário da coralina datados e 2005, mas decidiu escrever que eles estavam datados de 2006; ou então ele sequer viu os recibos, tomou conhecimento da existência e extinção do

Coral e decidiu escrever suas próprias conclusões. Portanto, parece que temos em 2007 um Tesoureiro que talvez possa estar se mostrando incapaz de exercitar a Responsabilidade e Transparência que lhe será exigida durante o ano.

Esta incapacidade em ser Transparente também fica clara quando ele afirma que a Gestão 2007 opta por não revelar o valor do Fundo de Reserva do CAOC "Por questão de segurança". Oras, em todos os anos em que estive presente na FMUSP a Diretoria do CAOC, diferentemente de todas as outras Instituições, sempre foi clara quanto a valores de Patrimônio (sem, obviamente, expor a segurança do controlador destas finanças). Isso por que, nas palavras do próprio texto, "(...) é um direito nosso, dos alunos de Medicina da USP, saber como nosso dinheiro foi usado". Ao que parece, portanto, o CAOC já tomou para si justamente a prática de esconder os valores do seu patrimônio. O que virá em seguida, então? Reuniões não documentadas (que já estão acontecendo no CAOC, com as Reuniões Semanais com Atas não reconhecidas e assinadas pelos participantes)? Inadimplência (como a falta de repasse pelo DC dos encargos salariais da sua secretária ao CAOC no último ano e o não pagamento dos encargos antes disto)? Assembleias Gerais Falsas (como a em que a AAAOC determinou o início do pagamento de anuidade sem Quorum nem Ata)? Catracas? Abuso de poder?

Notem - por favor - que não faço aqui nenhuma afirmação; apenas aponto algumas questões que considero importantes, pois suas respostas indicarão aos alunos da FMUSP se aqueles que foram eleitos com quase 80% dos votos para "integrar" o Centro Acadêmico ao resto da Faculdade são mesmo capazes de selecionar quais os bons aspectos a serem integrados à Entidade que os Representa Legal e Legitimamente em todos os espaços, e não só em congressos médicos universitários ou em brincadeiras esportivas...

Não há como saber como será a atuação do Centro Acadêmico Oswaldo Cruz em 2007. Certamente, não há como mudar o que foi feito. Resta somente lamentar que seja este, talvez, o reflexo de uma Gestão que está por vir.

Gabriel Elias Correa de Oliveira (Mococa) é acadêmico da FMUSP e foi 1º Tesoureiro do CAOC em 2005 e 2006.

CAPA

Panorama da questão das Painelas de internato

Arthur Hirschfeld Danila (94)
Mariana Fabbri Guazzelli de
Oliveira Pereira (94)
Tomie Heldt Ichihara (93)

Em dezembro de 2006, a Comissão de Graduação da FMUSP levantou a possibilidade de haver uma reformulação no sistema de escolha das painelas do internato. Na última reunião da sub-comissão de internato em 2006 havia sido acordado, que no primeiro dia de aula do 1º ao 4º anos seria enviado um esclarecimento sobre a reorganização do sistema. Tal carta acabou causando um clima de profunda incerteza e insegurança, especialmente na turma 92.

Talvez a repercussão tivesse sido melhor se a mesma fosse enviada após a matéria d'O Bisturi de fevereiro, no entanto, isso não ocorreu e agora são necessários alguns esclarecimentos.

Nenhuma decisão foi tomada em relação a QUAL será o novo sistema. As únicas resoluções tomadas, até o momento, foram, em primeiro lugar haverá REVISÃO do atual sistema de divisão. Em segundo, a decisão final deverá ser tomada ATÉ o meio do ano.

Há duas grandes causas para a discussão, a primeira é uma questão acadêmica: seria o sistema de afinidade a melhor forma de dividir os estudantes de medicina do ponto de

vista pedagógico? Não faz parte do ensino médico aprender como lidar com pessoas diferentes, como dividir planilhas, como trabalhar em grupo?

A segunda grande causa é de caráter ético: o modo como dividimos os grupos hoje expõe os alunos e causa desgastes emocionais imensos.

Tradicionalmente, os alunos do quarto ano dividem-se em 12 painelas de 12 a 17 alunos, mas ultimamente esse número tem ficado entre 11 e 19, sendo a afinidade o único critério utilizado. Em função dos recentes desajustes nesse sistema de composição de painelas, a redação d'O Bisturi resolveu perguntar aos alunos o que eles achavam, num primeiro momento, antes de qualquer proposta ou discussão, da situação atual, uma vez que esses serão os mais afetados por uma possível mudança.

A Comissão de Graduação e o Prof. Milton de Arruda Martins, particularmente, são radicalmente contra o sorteio puro e simples. A afinidade é considerada por eles um critério importante e necessário. Entretanto, é fundamental que se estabeleça uma clara diferenciação entre afinidade e amizade, mas essa não pode ser um critério essencial na formação de um grupo de trabalho. Os amigos poderão até ser a consequência de um grupo de trabalho bem feito e harmônico mas não fazem parte de um critério imutável para a formação desse grupo.

Aplicamos o seguinte questionário

Prós e contras do modelo atual de seleção das painelas do internato

Prós

- Critério de afinidade
- Poder escolher com quem trabalhar
- Identidade da painela
- Flexibilidade na resolução dos problemas
- Tradição na faculdade
- Auxílio mútuo
- Maior união dos integrantes

Contras

- Número variável de integrantes
- Desorganização da graduação
- Desnível acadêmico entre as painelas
- Conflitos no 4º ano (montagem das painelas)

rio aos acadêmicos do segundo ao sexto ano: 1- Qual a sua posição a respeito da possível mudança na forma de seleção das painéis do internato? 2- O critério de afinidade é importante? Por quê? 3- Você julga que o modelo atual gera muitos conflitos (painel/assistentes ou entre os componentes)? 4- A variedade do número de componentes das painéis prejudica o funcionamento do sistema do internato? 5- Você poderia listar os prós e contras da situação atual?

O propósito de tais perguntas é o de avaliar o panorama geral do internato em sua configuração atual, a fim de aprofundar o debate sobre o assunto, levando-se em consideração a opinião geral dos estudantes da FMUSP acerca da situação antes de qualquer proposição de mudança. De certa forma, houve convergência de idéias, principalmente a respeito da manutenção do critério de afinidade, apesar de haver diversidade de argumentos e sugestões para suportar essa opinião (vide gráficos abaixo). Embora esse resultado possa ser considerado óbvio (afinal, ninguém consegue trabalhar ao lado de pessoas com quem não se têm a mínima afinidade) vale lembrar também que essa opinião enfatiza a atual posição dos alunos de defender a manutenção da afinidade como um critério fundamental.

Uma queixa recorrente foi quanto ao número instável de integrantes das painéis, sendo considerado; pelos alunos, o principal empecilho ao desenvolvimento harmonioso do internato, e pelos coordenadores de estágio um desvio do projeto inicial (esquemático para 15 alunos) dificultando a avaliação individual, a organização geral e até mesmo o aprendizado. Quando o número de alunos é inferior a 15, há sobrecarga de plan-

tões para cada um; quando ultrapassa o aproveitamento cai por escassez de procedimentos e vivência do estágio.

Quando perguntamos aos estudantes se o modelo atual gera muitos conflitos, a maioria concordou que sim, isso seria algo inevitável, mas que a afinidade ajudaria a enfrentar e minimizar os atritos e que esses não justificam uma reforma estrutural deste porte, porque pois são proporcionalmente insignificantes.

Entretanto, foi consenso a necessidade de pequenas mudanças que busquem aprimorar o sistema do internato em vigência. Entre elas está o estabelecimento de um número fixo de alunos por painel. O número mágico sugerido pela maioria seria o de 15 alunos, com uma margem de um aluno para mais ou para menos. Os alunos esperam que a Graduação se coloque de forma mais organizada e apresente de forma mais clara e objetiva as "regras do jogo"

Ao listar os prós e contras da situação presente, os alunos indicaram como aspectos negativos o número variável de componentes nas painéis, a heterogeneidade de desempenho dos grupos de internato, o descompasso entre a avaliação e o aprendizado, o fato de que o internato não é uma situação que reflete o mundo real, no qual não se pode escolher com quem trabalhar, a desorganização da graduação e a imagem estigmatizada que é formada de cada painel, da qual não se desvencilha.

Em contraposição, dentre os prós, foram listados o critério de afinidade, que é essencial num momento tão estressante como o internato, contentando, portanto, a maioria dos estudantes; a maior união entre os integrantes dos grupos, proporcionando uma identidade à painel, que não

seria, desta forma, um grupo artificial; a maior facilidade na resolução dos problemas, já que um grupo unido apresenta maior flexibilidade e compreensão; a manutenção da tradição da Faculdade, que há muitas décadas segue esse modelo; e o fato de ser a última chance de escolhermos com quem queremos trabalhar.

Foi proposto na reunião da subcomissão que conforme surjam alternativas (viáveis e factíveis) sejam feitos simulados com todo o atual 4º ano para demonstrar como ficariam as painéis caso essa opção fosse escolhida ao final deste semestre. Desta forma, seriam identificados e corrigidos os eventuais problemas de cada metodologia. Porém, dado o prazo excessivamente curto para fechar essa questão, os alunos reiteraram que isso deve ser feito o mais rapidamente possível.

Uma das possibilidades atualmente é dar pesos para determinados quesitos. A afinidade, por exemplo, valeria x; a rejeição, por sua vez, valeria 3x e a homogeneidade de número de membros seria questão pética. A partir disso, cada um montaria uma lista de rejeitados e outra de pessoas com quem haja afinidade, e, assim, um programa de computador montaria as painéis.

Todas as mudanças seriam feitas de forma gradual, um pouco a cada ano. Primeiro seria colocado o critério de número fixo (cada painel teria, obrigatoriamente, nº. de alunos matriculados no ano/12); na divisão seguinte seria acrescentado outro critério e assim por diante; seguindo um cronograma de mudanças que se encerraria quando o sistema fosse considerado adequado.

É importante lembrar que o tempo de duração desses grupos também

está sendo questionado. Aparentemente, os grupos seriam montados, no mínimo, a cada ano e, no máximo, a cada 6 meses; mas ainda existe a possibilidade de se manter as mesmas painéis para os dois anos de internato.

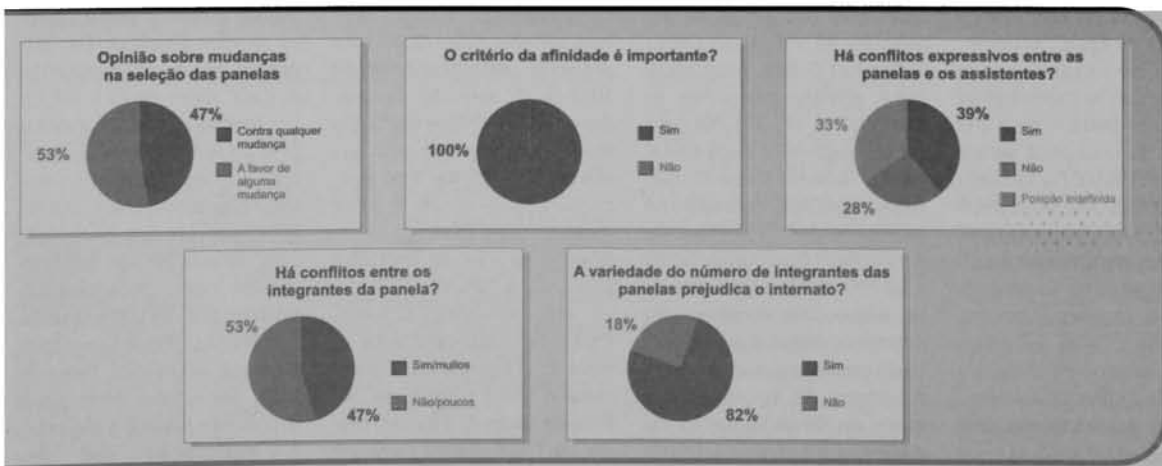
Tanto professores quanto os alunos concordam que a Graduação deve ajudar a identificar e auxiliar os acadêmicos com dificuldades de relacionamento desde o primeiro ano da faculdade. Nos moldes atuais, os alunos não têm que trabalhar em grupo durante os quatro primeiros anos; e, mesmo quando surge essa necessidade, é a própria graduação que divide os estudantes em grupos menores. Muitos acreditam que os problemas de relacionamento são um fator determinante na dificuldade de formar painéis seguindo o critério exclusivo de afinidade.

Não há como negar que a troca de experiências entre médicos assistentes, professores, preceptores e alunos é muito proveitosa para a busca de uma solução. Desta forma, mais depoimentos devem ser levantados e discutidos.

Todas as sugestões críticas e opiniões dos alunos são bem-vindas e o CAOC, como representante legítimo do corpo discente, se coloca a disposição para recolher tais propostas e encaminhar à Comissão de Graduação. Será organizada também uma palestra com personalidades da área médica, especialistas em recursos humanos e formação de grupos bem como com educadores para que sejam esclarecidos alguns pontos.

É essencial, sobretudo, que os alunos se engajem nesse debate de tanta importância, levando em consideração a tradição desta gloriosa Faculdade, que sempre formou profissionais ativos e bem relacionados com a comunidade médica. Não se pode deixar, de forma alguma, que o impasse evolua para uma situação insustentável, uma painel de pressão prestes a explodir.

Arthur Hirschfeld Danila e Tomie Heldt Ichihara são acadêmicos da FMUSP e membros da gestão CAOC 2007. Mariana Fabbri Guazzelli de Oliveira Pereira é acadêmica da FMUSP.



Prestação de Contas-Fevereiro de 2007

Em fevereiro o Centro Acadêmico Oswaldo Cruz recebeu pouco mais de dezessete mil reais e gastou cerca de vinte e quatro mil. A análise crua desses dados pode indicar que houve um grande descompasso entre o que o CAOC ganha e gasta. No entanto, esse déficit, de certa forma, já era esperado em função da Semana de Recepção ao Calouro. Porém, fevereiro foi um mês em que o CAOC teve também muitos gastos estruturais.

Tal déficit foi compensado, em parte, pela grande arrecadação no mês de fevereiro, o que pode ser grandemente creditado às vendas de produtos na própria Semana de Recepção, e, em parte, ao saldo acumulado desde que a gestão assumiu. Dessa forma, o saldo final da gestão de 15 de dezembro a 28 de fevereiro é superavitário.

DE ONDE VEIO E PARA ONDE FOI O DINHEIRO DO CAOC EM FEVEREIRO?

Semana de Recepção ao Calouro - A recepção aos calouros foi o principal investimento do CAOC em fevereiro, isto é, foi onde o Centro Acadêmico mais empregou recursos.

Para a montagem do Kit Calouro, distribuído a cada um dos novos filhos de Arnaldo, foram comprados envelopes, etiquetas, spray e tiner para que os kits levassem o nome de cada calouro e o símbolo do CAOC. Esses gastos somaram R\$ 191,65.

A versão 2007 do Guia de Sobrevivência, que continha breve histórico da FMUSP e do CAOC, um texto da AAAOC com a grade de treinos, orientações sobre as matérias do primeiro semestre, sobre os livros, transporte, alimentação e materiais diversos, sobre intercâmbio, o GRAPAL, a Tutoria, o MedEnsinA e a Casa do Estudante (CEM). Sua elaboração ficou sob a coordenação da diretora de Educação do CAOC e sua impressão custou R\$ 350,00. Foram impressos 200 guias. O Kit Calouro deste ano continha, além do envelope personalizado, o Guia de Sobrevivência, O Bis-

turi, uma caneta e um folder promocional.

Conforme a tradição, o CAOC, através de seu Departamento de Marketing, confeccionou 200 camisetas com os nomes de todos os aprovados em Medicina na FUVEST, o que custou R\$ 1.500,00. Também foram feitas 100 camisetas pólo e 200 camisetas azul/bordeaux com o logo da MEDICINA - USP e algumas camisetas para a diretoria. A primeira parcela desta compra foi paga em fevereiro, no valor de R\$ 1.550,00. O restante do pagamento será feito em março. O CAOC personalizou 100 chinelos com o logo da MED, o que custou R\$ 1.200,00. Não só isso, mas também adesivos e canetas foram feitos. Os 600 adesivos (R\$ 621,00) e as 300 canetas (R\$ 291,00), porém, serão pagos somente em março. Isto soma R\$ 5.162,00 em produtos.

Entre os dias 26 de fevereiro e 03 de março, ocorreram diversos eventos na FMUSP em homenagem e comemoração à chegada dos novos alunos. No dia 27, junto com a Canecada do DC, houve a Esfihada do CAOC. Para esse evento, o CAOC comprou 2000 esfihadas de carne e 1000 de queijo no Mister Sheik, gastando R\$ 1.465,00. Já no dia 28 houve, no porão, uma balada organizada pelo CAOC. Para este evento, o Centro Acadêmico gastou R\$ 200,00 na compra de gelo, R\$ 109,65 com refrigerante e R\$ 4.618,56 com cervejas e batidas. Portanto, foi gasto R\$ 6.393,21 com as festas da Semana de Recepção.

No dia 28/02 houve a apresentação do *Med Samba* na balada do CAOC. O Departamento de Imagem e Som (DIS) precisou de cabos e plugs para o som deste evento (R\$ 490,00), de uma peça para a bateria (R\$ 60,00) e três microfones (R\$ 250,00). Além disso, o DIS usou três fitas DVC (R\$ 69,00) para filmar os diversos eventos da Semana de Recepção. O vídeo, apresentado no Cine CAOC, foi editado pelo diretor do Departamento de Imprensa Acadêmica (DIA), em conjunto com membros da Comissão de Integração (Coln). Assim, o DIS

usou R\$ 869,00 para garantir o som das festas da Semana de Recepção.

Além de tudo isso, o CAOC comprou 70 batatas, no valor de R\$ 490,00 para que Coln pudesse identificar seus membros da organização durante os eventos. Como as batatas vieram sem o logotipo do Departamento Científico (DC), o CAOC pagou o conserto das batatas (R\$ 19,00) de serviço de entrega/ moto boy e R\$ 70,00 pela inclusão do logo). Também foram compradas as medalhas (R\$ 280,80) para a Coln premiar as equipes dos calouros. Esses gastos somam R\$ 859,80.

Até aqui descrevemos os gastos do CAOC com a Semana de Recepção, que totalizaram R\$ 13.825,66. Porém, também houve recursos que entraram para cobrir esses gastos.

Primeiramente, a Coln reembolsará, através de repasses da FFM, o gasto do CAOC com as esfihadas (R\$ 1.465,00), batatas (R\$ 490,00 + R\$ 19,00 + R\$ 70,00) e medalhas (R\$ 280,80). Isso soma R\$ 2.324,80. O repasse feito pela FFM-Coln, em 28/02, de R\$ 2.150,00, porém, incluía R\$ 1.475,00 pelas esfihadas (dez reais a mais) e R\$ 675,00, que deveriam ter sido pago à FOFITO, pela compra das canecas delas. O CAOC, em março, já devolveu o dinheiro da FOFITO e espera pelos R\$ 849,80 restantes.

Além disso, em função da recepção ao calouro, o CAOC conseguiu trazer a STB Student Travel Bureau para emitir carteiras estudantis. Pelos quinze dias úteis nos quais eles ficaram no porão, pagaram R\$ 950,00 ao CAOC. A Comfort Suites, rede hoteleira, aceitou patrocinar as 300 canetas (R\$ 291,00) para ter seu logo nelas e seu folder no Kit Calouro. Dessa forma, tudo que o CAOC conseguiu de patrocínio para a Semana de Recepção foi um total de R\$ 1.241,00. De qualquer maneira, o que CAOC recebeu com patrocínio é muito pouco perto do tamanho dos gastos com a Semana de Recepção e a meta do Departamento de Marketing é trabalhar a fim de aumentar a receita com par-

cerias para os futuros eventos.

A grande entrada de recursos, em fevereiro, do Centro Acadêmico Oswaldo Cruz, foi com a venda de produtos da MED/CAOC. No primeiro dia da matrícula, 12 de fevereiro, foram arrecadados R\$ 3.926,00 com a venda desses produtos. Nos dias seguintes, o CAOC ganhou com a venda de camisetas, agasalhos, chinelos, adesivos, chaveiros, cartões telefônicos e CDs R\$ 433,50. No dia 26 de fevereiro, a Loja do CAOC, montada pela gestão 2007, foi inaugurada para que os produtos das diversas instituições acadêmicas tenham mais visibilidade. Lá são vendidas camisetas e diversos produtos com a marca MEDICINA USP. Nos três dias de fevereiro em que funcionou, a Loja rendeu R\$ 1.040,00. Esse fantástico resultado foi muito acima de qualquer expectativa. A tendência, contudo, é que essas receitas com vendas na loja caiam bastante com o passar do tempo.

No dia 28/02, com a venda de cerveja, foram arrecadados R\$ 189,65. Ao todo, o CAOC ganhou com venda de produtos, no mês de fevereiro, a quantia de R\$ 5.589,15. Obviamente, esse dinheiro não constitui nenhum lucro, já que foi usado para cobrir despesas com a própria confecção dos produtos e com eventos da Semana de Recepção.

Com tudo o que foi exposto acima, o total arrecadado, em razão da Semana de Recepção, em fevereiro, foi de R\$ 8.980,15. Portanto, o saldo do CAOC com a Semana de Recepção foi de R\$ - 4.845,51.

Fevereiro - O CAOC também recebeu R\$ 320,00 pela primeira semestralidade de 2007 de 32 armários instalados no porão. Os que ainda não haviam renovado os seus armários, tiveram até 9 de março para fazê-lo. Já, o valor recebido com os aluguéis referente ao mês de fevereiro somou R\$ 8.184,35.

Não obstante, O CAOC continua muito caro para se manter. São gastos estruturais, como o gasto trabalhista. No final de janeiro, a ex-secretária do CAOC pediu para ser despedida. Em reconhecimen-

to aos serviços prestados no CAOC ao longo de dois anos, o CAOC atendeu seu pedido. Com isso, o CAOC pagou, em fevereiro, R\$ 1.422,78 com a rescisão do contrato, R\$ 682,86 com GRFC, R\$ 300,00 com gastos no Tribunal Arbitral. Foi pago também o FGTS (R\$ 83,70) e INSS (R\$ 636,62) da secretária do DC e da faxineira da CEM (Casa do Estudante). O CAOC também fez o pagamento de R\$ 880,00 para a seguradora, em virtude de um evento do COBREM, em janeiro.

Com estrutura também se gastou R\$ 321,00 com a instalação de 3 bebedouros no porão, com a compra de galões de água e de copos plástico (ainda falta instalar suporte para copos para que a promessa de campanha seja cumprida). A Faculdade de Medicina comprometeu-se, contudo, a ajudar o CAOC com essa despesa.

O CAOC também precisou de um novo toner para sua impressora (R\$ 365,00) e de materiais de papelaria (R\$ 120,35), e pagou o condomínio do imóvel do centro (R\$ 195,00), os serviços contábeis (R\$ 291,00) e a TV por assinatura (R\$ 123,80). O plano da assinatura do Estadão foi mudado de "segunda a segunda" para "segunda a sexta", o que reduziu seu valor (a fatura cairá em março). A assinatura da revista Carta Capital não foi renovada. Em fevereiro, o CAOC pagou R\$ 175,12 de tarifas bancárias.

O Centro Acadêmico deu início à reforma dos sofás do porão, sendo que a primeira parcela foi paga em fevereiro (R\$ 760,00) e o restante será pago quando o serviço estiver pronto, no início de março. Por tudo isso, os gastos com a estrutura do CAOC foram de R\$ 6.357,23.

Vieram dois intercambistas para a FMUSP no mês de fevereiro, e o Centro Acadêmico contribuiu pagando suas refeições (R\$ 20,00 por semana para cada um), através de seu Departamento de Intercâmbio, totalizando R\$ 140,00 nesse mês.

Por fim, o Departamento de Imprensa Acadêmica fará, em 2007, dez edições deste jornal (o presente jornal é a segunda). A editoração das dez edições, sairá por R\$ 7.500,00 em

RECEITAS – Fevereiro

Data	Descrição	Valor
06/fev	Aluguel Café CAOC	R\$ 3.902,68
06/fev	Aluguel VG Copiadora	R\$ 1.284,73
07/fev	Aluguel Boa Vista	R\$ 700,00
09/fev	Aluguel Dathabook	R\$ 2.296,94
13/fev	STB – Carteira do Estudante – 15 dias no porão	R\$ 950,00
14/fev	Comfort Suites – Patrocínio para canetas	R\$ 291,00
	Renovação de 32 armários	R\$ 320,00
	Venda para Calouros – Dia da matrícula	R\$ 3.926,00
	Venda de 15 Cartões telefônicos	R\$ 90,00
	Venda de 11 Camisetas	R\$ 165,00
	Venda de 3 Camisas Pólo	R\$ 60,00
	Venda de 1 Agasalho	R\$ 70,00
	Venda de 1 Chinelo	R\$ 15,00
	Venda de 9 Adesivos	R\$ 24,00
	Venda de 3 Chaveiros	R\$ 8,00
	Venda de 1 CD	R\$ 1,50
26/fev	Loja do CAOC	R\$ 146,00
27/fev	Loja do CAOC	R\$ 489,00
28/fev	Loja do CAOC	R\$ 405,00
28/fev	Vendas de Cerveja – Balada CAOC	R\$ 189,65
28/fev	Repasso da FFM para a Semana de Recepção – Coln	R\$ 2.150,00
TOTAL		R\$ 17.484,50

DESPESAS – Fevereiro

Data	Descrição	Valor
01/fev	Rescisão do contrato da ex-secretária	R\$ 1.422,78
01/fev	Recolhimento do fundo de garantia – GRFC	R\$ 682,86
02/fev	Compra de 15 CDs-R	R\$ 15,00
05/fev	Repasso Segurança - evento COBREM	R\$ 880,00
07/fev	FGTS - Secretária DC/ faxineira CEM - jan/07	R\$ 83,70
07/fev	Toner para multifuncional	R\$ 365,00
08/fev	Kit Calouro – envelopes, etiquetas, spray, tiner + gastos gerais (condução, alimentos, etc.)	R\$ 191,65
09/fev	Camisas pólo/ azul/ bordeaux (1ª parcela)	R\$ 1.550,00
09/fev	Bisturi - Impressão edição de fevereiro	R\$ 2.100,00
10/fev	Guia de Sobrevivência dos calouros – impressão	R\$ 350,00
11/fev	Camisetas com lista dos calouros	R\$ 1.500,00
12/fev	INSS - Secretária DC/ faxineira CEM - jan/07	R\$ 636,62
12/fev	Bisturi – Editoração – 1ª parcela	R\$ 2.500,00
12/fev	Condomínio do Imóvel do Centro - fev/07	R\$ 195,00
12/fev	Reforma dos sofás – 1ª parcela	R\$ 760,00
13/fev	2 Atestados médicos trabalhistas demissional/admissional	R\$ 2,00
16/fev	DIS - Tom holder (equipamento para bateria)	R\$ 60,00
23/fev	Kalunga – papel, crachá, fita adesivas, etiquetas	R\$ 120,35
23/fev	Batas para Coln	R\$ 490,00
26/fev	Contador – Honorários jan/07	R\$ 210,00
26/fev	Tribunal Arbitral - processo da ex-secretária	R\$ 300,00
26/fev	Motoboy batas – Coln	R\$ 19,00
27/fev	Chinelos/havaianas Med USP	R\$ 1.200,00
27/fev	Estilhas - Mr. Sheik – Estilhada dos calouros	R\$ 1.465,00
27/fev	DIS – Cabos e plug para som	R\$ 490,00
27/fev	DIS – 3 fitas DVC – filme da Semana de Recepção	R\$ 69,00
27/fev	Mackro Atacadista – Bebidas	R\$ 4.618,56
27/fev	Correção das batas para Coln	R\$ 70,00
27/fev	Água / Bebedouros / Copos	R\$ 321,00
28/fev	Medalhas para Coln	R\$ 280,80
28/fev	DIS – 3 microfones – Med Samba	R\$ 250,00
28/fev	Gelo britado – 200 kg para balada no porão	R\$ 200,00
28/fev	Refrigerante 85 u. 2L para balada no porão	R\$ 109,65
28/fev	TV por assinatura - fev/07	R\$ 123,80
	Reembolso de 02 cafés – dinheiro "engolido"	R\$ 2,50
	Intercambista – boliviano – refeição 4 semanas	R\$ 80,00
	Intercambista – dinamarquesa – refeição 3 semanas	R\$ 60,00
	Tarifas bancárias (CPMF, extrato postado e outras tarifas)	R\$ 175,17
TOTAL		R\$ 23.949,44

▶ Saldo da Gestão em Fevereiro de 2007: - R\$ 6.464,94

▶ Saldo Anterior (até 31 de Janeiro de 2007): + R\$ 12.741,24

▶ Saldo Total da Gestão até 28 de Fevereiro de 2007:
+ R\$ 6.276,30

três parcelas (primeira, de R\$ 2.500,00 paga em fevereiro). Já a impressão dos 5.000 exemplares de fevereiro, na Gráfica Ponto-a-Ponto, custou R\$ 2.100,00. Portanto, em fevereiro, o Bisturi custou R\$ 4.600,00.

Em conclusão, os gastos de fevereiro do CAOC foram muito elevados, especialmente pela Semana de Recepção, mas as vendas em função deste evento e do início das aulas também fizeram a receita do

mês ser maior que o normal. Para março, espera-se que ambos os valores caiam.

Embora esse artigo esteja um pouco longo, consideramos esta a melhor forma de dizer aos estudantes de Medicina da USP como o dinheiro do seu Centro Acadêmico foi usado. Isto é transparência e responsabilidade.

Gestão CAOC 2007.

PROVA DE RESIDÊNCIA

Um terço de uma Turma fora da Residência

Guilherme Naccache
Namur (89)

Dos 169 filhos de Arnaldo formados em 2006 que participaram do último processo seletivo para residência médica do HC, 34 foram reprovados logo na primeira fase. Outros 24 caíram ao final da 2ª fase e entrevista. Talvez alguns sejam resgatados pelos colegas que forem servir às Forças Armadas, mesmo assim não haverá mudanças significativas na taxa de 35% de reprovação da 89ª turma da FMUSP, resultado um pouco melhor do que o obtido pela turma 88, mas assim mesmo, longe do aceitável.

É assombroso que aproximadamente um terço dos médicos formados por uma das melhores faculdades de medicina do país não conseguiram ser aprovados na residência médica da própria instituição. É verdade que em algumas carreiras seria impossível que todos fossem aprovados, já que havia mais candidatos da própria turma do que bolsas disponíveis. Aconteceu assim na Ortopedia e na Dermatologia, que juntas foram responsáveis por 38% das reprovações. Entretanto, excluindo-se essas carreiras, o índice de reprovação ainda é altíssimo, próximos dos 27%. Frente a esses dados, só há duas conclusões possíveis: ou há algum problema com a Prova ou com o ensino desta Casa.

No entanto, todos concordam que, apesar de suas inúmeras falhas, nossa faculdade ainda uma das melhores do Brasil. Talvez não no ciclo básico ou no terceiro e quarto anos, mas nosso grande trunfo encontra-se no Internato.

Nenhuma outra instituição do país dispõe de não apenas um, mas DOIS hospitais escola de tão alta qualidade. Nenhuma outra instituição possui recursos materiais e humanos de tal magnitude. Nenhuma outra possui tama-

nha carga horária de ensino prático.

Desta forma, é impossível negar que a falha encontrada na Prova, certamente essa foi a causa para o escabroso índice de reprovação de nossa turma.

A mudança que ocorreu desse ano na primeira fase da prova, sem dúvida privilegiou os médicos com maior conhecimento já que questões discursivas possibilitam avaliar um maior número de habilidades como, por exemplo, a capacidade de refletir sobre assuntos de uma forma mais abrangente, não apenas selecionar as alternativas mais adequadas.

Entretanto, a prova aborreu, quase exclusivamente, assuntos vistos, em sua maioria, em hospitais secundários. Obviamente tais questões são indiscutivelmente importantes mas não refletem a realidade do dia a dia do interno no HC. Temas importantíssimos, sobretudo aqueles do 6º ano, não fizeram parte dessa prova. Estágios excelentes, como o SCUT (pronto socorro do ICr) ou InCor foram completamente desconsiderados na prova escrita e por isso a primeira fase foi a grande responsável pelas reprovações. Mais da metade dos alunos da 89 não foram habilitados para segunda fase e os reprovados mais adiante foram aqueles que chegaram à segunda fase em más colocações, ou seja, fora da zona de classificação.

Já a segunda fase foi muito menos problemática para os alunos da Casa. A prova prática foi muito mais condizente com nosso internato, abordando desde temas simples vistos no AGD, até questões como a do berçário, que é exclusividade da nossa Graduação. Certamente por isso que dos 101 alunos que estariam classificados se o processo terminasse na 1ª fase, 98 terminaram aprovados e 12 outros que não se classificariam, subiram inúmeras colocações obtendo

aprovação. Mesmo assim essa etapa do processo não pode escapar de críticas. Primeiramente, as estações foram bastante diferentes das que fizemos no OSCE (espécie de simulado) realizado no final do 6º ano. A promessa de que haveria uma pré-estação na entrada de cada questão não foi cumprida, de forma que os alunos da Casa foram surpreendidos a poucos minutos do início da avaliação. Por último, os atrasos para o começo da prova foram inaceitáveis. Alunos da Casa esperaram até 7 horas para realizar a prova, isso é claro em um ambiente escuro, sem relógio, comendo salgadinhos *Torcida* e suco *Del Valle* quente, o que, como todos podem imaginar, gerou uma tenção absolutamente desnecessária.

As mudanças ocorridas na Prova esse ano melhoraram o processo seletivo, mas ainda estamos muito longe do ideal. O Conselho de Residência Médica (COREME) deve entender que os alunos também querem uma Prova justa. No entanto o conceito de justiça parece diferir bastante entre os alunos da Casa e o COREME. Acreditamos que a Prova deva ser feita baseada no nosso internato, de forma que apenas alunos de Faculdades que forneçam formação completa nos três níveis de saúde possam ser aprovados. Já o COREME tenta fazer uma Prova tão justa, que qualquer aluno de qualquer escola seja capaz de respondê-la. Não queremos as questões da Prova. Queremos apenas que seja cobrado tudo o que há em nosso internato e não só o que todos os outros podem aprender em suas escolas.

Guilherme Naccache
Namur é ex-aluno da FMUSP e R1 de Cirurgia Geral.



CORPO HUMANO: Real e Fascinante

Corpos humanos reais "plastificados" são expostos na Oca

Arthur Hirschfeld Danila (94)

A Oca, do Parque do Ibirapuera, apresenta uma exposição, durante o mês de Março, que aborda diversos aspectos do funcionamento do corpo humano e seus sistemas. Essa exposição chega ao Brasil após temporadas na Inglaterra, México e Coréia do Sul, além de atualmente contar com exibições paralelas na Holanda e Estados Unidos.

A mostra recorre a 16 corpos inteiros e 225 órgãos verdadeiros para revelar, numa concepção diferenciada e inédita, o funcionamento do corpo humano e de seus sistemas. Para conseguir tal objetivo, utiliza-se da técnica chamada *polimerização*, em corpos adultos de homens e mulheres, obtendo resultados com precisão absoluta das variações e diferenças apresentadas pela nossa espécie.

Ao longo da história da Humanidade, grandes personalidades estudaram e escreveram sobre o corpo humano: Aristóteles, Platão, Hipócrates, Vesalius e Descartes. Além desses, artistas como Michelangelo, Leonardo da Vinci, Raphael e Rembrandt também contribuíram com significativos legados no que se refere à imagem do corpo a partir da combinação do talento e da observação detalhada.

A exposição, desenvolvida em caráter prioritariamente educativo, está sob a direção médica do norte-americano Dr. Roy Glover, professor emérito de Anatomia e Biologia Celular da Universidade de Michigan, além de diretor-chefe do Laboratório de Preservação Polímera da Escola Médica, da mesma instituição, e educador médico há cerca de 30 anos.

Com base nas raízes deste conhecimento, vindas dos estudiosos da história médica, associados a técnicas inovado-

ras, a exposição "Corpo humano: Real e fascinante" propõe um tratamento criativo e igualmente respeitoso ao tema, ao utilizar corpos e órgãos dissecados para revelar a função de um sistema anatômico completo e seu papel no corpo como um todo. Além disso, para possibilitar uma melhor compreensão de como os maus hábitos ou doenças podem afetar em seu comportamento, órgãos saudáveis e não-saudáveis são colocados lado a lado.

Todos os corpos e órgãos exibidos são de indivíduos acometidos de morte natural, que optaram por participar de um programa chinês de doação de seus próprios corpos em benefício da ciência e da educação. A iniciativa fornece material anatômico para comunidades médicas e científicas, para fins educacionais e de pesquisa, não só em solo chinês - onde estão os maiores especialistas na dissecação de corpos - como também no exterior.

Vale ressaltar que o estudo da anatomia e a dissecação humana se tornaram, ao longo da História, de valor inestimável para o entendimento do corpo humano, seus sistemas e funções, além de permitir avanços no tratamento, cura e prevenção da maioria das doenças. Praticamente todos os avanços obtidos nos últimos 25 anos devem crédito ao estudo anatômico: desde a remoção de um apêndice até a reposição de válvulas do coração, passando por neurocirurgias e transplantes de rim.

Todos os corpos e órgãos exibidos foram submetidos à técnica da polimerização. Num primeiro momento, os corpos são embalsamados e recebem um agente de preservação que evita a decomposição normal dos tecidos. A sequência do processo prevê a desidratação, realizada com imersão em acetona, que substitui os líquidos corporais e

é facilmente eliminada em forma de vapor na etapa seguinte - a câmara de vácuo. Submetido a um gradual aumento de pressão, o corpo libera a acetona em forma de gás e a substitui por uma solução aplicada de polímeros em silicone líquido - inclusive em nível celular.

Para complementar a transformação do corpo, um agente catalisador é aplicado em sua superfície e reage com um composto chamado *crosslinker*, que enrijece a consistência do silicone, permitindo inclusive uma colorização seletiva para torná-lo mais adequado à exibição pública. O resultado é uma espécie absolutamente seca, inodora e resistente à decomposição, além de um conjunto de corpos humanos permanentemente preservados para exposição. Para se ter uma idéia da longevidade do processo, os corpos mais antigos foram preparados no fim da década de 70 e ainda continuam sendo usados em universidades de medicina pelo mundo.

Conforme relata o Dr. Roy Glover, "durante muitos anos foram idealizados modelos para representar o corpo. Porém, eles não permitem nenhuma variação estrutural - o que consideramos fundamental para a percepção das diferenças na formação corporal de cada indivíduo". Com a técnica da polimerização, pode-se conservar variações anatômicas por gerações, sem que as peças percam a constituição original ou se deformem, o que geralmente acontece com dissecações realizadas em corpos formolizados. Em sua análise, Dr. Glover lembra que, até hoje, apenas estudantes de medicina e médicos tiveram a oportunidade de observar o funcionamento interno dos corpos - o que torna "Corpo Humano: Real e Fascinante" uma oportunidade única para o público em geral também explorar os mistérios de sua própria existência.

A exposição é dividida em nove setores para representar cada sistema do organismo humano. A partir da estrutura interna do *Esqueleto* e suas mais de 100 juntas, evidencia o papel motriz do *Sistema Muscular*; a velocidade impressionante de comunicação das células do *Sistema Nervoso*; a utilização do oxigênio pelo *Sistema Respiratório* e os processos químicos e mecânicos que compõem o *Sistema Digestório*.

Também contempla o processo de filtração contínuo do *Sistema Urinário*, a combinação única dos cromossomos do óvulo e do espermatozoide e a formação embrionária no *Sistema Reprodutor*; a manutenção da vida pelo *Sistema Circulatório* e a preservação de um corpo saudável graças aos avanços das pesquisas médicas e tecnológicas, representada em "*O Corpo Tratado*". Neste último segmento, são lembrados ainda o desenvolvimento de próteses para a maioria das partes do corpo e os equipamentos que auxiliam os médicos na sala de cirurgia.

É de se notar a qualidade das dissecações dos corpos inteiros, que conseguem revelar nitidamente detalhes minuciosos, como a preservação de nervos e artérias. É impressionante se ver as ramificações do sistema pulmonar até quase o nível alveolar; ou das artérias até os mínimos capilares; ou ainda, o córtex renal, com seus túbulos. Não se pode deixar de comentar o corpo seccionado em cortes transversais de cerca de 1 cm de espessura, o qual garante ao observador uma perspectiva um tanto inusitada, ao permitir a visualização de seções da região abdominal, com todos os órgãos constituintes, diferentemente da forma que usualmente se vêem as tomografias dessa região. Outra abordagem curiosa é a realizada nos fetos, em que se pode ver a evolução embriológica desde as primeiras semanas.

Arthur Hirschfeld Danila é acadêmico da FMUSP e membro da gestão CAOC 2007.

"CORPO HUMANO: REAL E FASCINANTE"

Site oficial: www.exposicaoocorpohumano.com.br

Em cartaz: a partir de 1º de março

Local: OCA Pq. do Ibirapuera, Portão 03 (1º andar Acesso para deficientes e Ar condicionado)

Endereço: Avenida Pedro Álvares Cabral, s/nº.

Horários: de segunda a sexta-feira, das 9h às 19h; sábados, domingos e feriados, das 10h às 20h.

Classificação etária: Livre - menores de 12 anos acompanhados do responsável.

Preço: R\$ 30 inteira / R\$ 15 - meia-entrada (De 0 a 2 anos - grátis e de 3 a 6 anos - meia-entrada)

Telefones para informações: 6846-6000/ Venda a grupos: 6846-6166 / 6232

Sinfonia Médica

Arthur Hirschfeld Danila (94)

Criada há 32 anos, a Orquestra Sinfônica da Universidade de São Paulo (OSUSP) é considerada uma das principais orquestras do estado de São Paulo, contando com 41 músicos profissionais, cinco cargos administrativos e 25 acadêmicos. Todo ano, o Projeto Academia realiza um concurso anual para jovens músicos, oferecendo uma oportunidade de tocar com a orquestra e aperfeiçoar seus talentos musicais. Os músicos profissionais passam por concurso público para poder integrar o corpo que executa peças musicais por todo o estado. Frequentemente são convidados pela OSUSP instrumentistas e regentes de alcance nacional e internacional, que se apresentam regularmente na Sala São Paulo e no Anfiteatro Camargo Guarnieri, localizado na Cidade Universitária, e também em cidades do interior do estado e em diversas escolas públicas. Uma das apresentações mais marcantes na história da orquestra foi realizada na Alemanha, em junho de 2000. Em 2006, a OSUSP recebeu o Prêmio Carlos Gomes de Melhor Orquestra do Ano, o que estimula a ampliação do seu corpo de instrumentistas de sopro e de percussão.

A Orquestra Sinfônica da USP vive nesse momento o processo de sua própria reinvenção. O objetivo é a excelência da execução musical por meio dos programas de concertos de música erudita, dirigidos pelo Maestro Carlos Moreno. Tem, por outro lado, um potencial de crescimento propor-

cional às possibilidades de pluralização de sua atuação. Novas idéias, novas abordagens, novos espaços de apresentação, novos programas, associações inesperadas, novas leituras, passeios pela música erudita contemporânea, música popular, etc. O diferencial se expressa na busca pela inclusão no mundo da música de outras faixas de público e consolidando as já conquistadas.

Sob a regência do Maestro Moreno, que assumiu a direção artística em 2002, a orquestra ampliou seus locais de concerto para a Faculdade de Medicina da USP (FMUSP), onde são realizadas apresentações de música de câmara semanalmente às terças-feiras. A idéia dos concertos semanais surgiu durante uma visita do maestro ao recém-reformado teatro da FMUSP, a convite da Prof. Dra. Diana Helena de Benedetto Pozzi, da Comissão de Cultura e Extensão da Faculdade. O Maestro Moreno afirma: "Fiquei apaixonado pelo teatro e pelo apoio para realizar os concertos", e acrescenta: "Gostaria que as apresentações na FMUSP não atinjam somente os estudantes e funcionários da Faculdade, mas a sociedade paulistana, que ganha mais uma sala de concertos"

Com toda essa exaltação da música erudita na Faculdade, a Comissão



de Cultura e Extensão não teve outra opção senão a de reformar o piano de cauda, que havia sofrido severos danos na maquinaria e nas teclas, que, num ato de vandalismo, haviam sido grudadas com cola. Quando perguntado sobre a reforma do piano, o Maestro Moreno não deixou de comentar: "A reforma do piano simboliza a concretização do Projeto de Restauro da FMUSP, pois não adianta apenas a reforma da fachada, se o interior também não puder sofrer melhoras. A reforma do piano revela o interesse da continuidade da cultura pró-musical e pró-artística da FMUSP"

A cultura pró-musical tanto está presente, que em todas as apresentações da OSUSP no teatro da FMUSP fo-

ram muito requisitadas, chegando a lotar o teatro diversas vezes. Tal interesse do público aliado à reforma do piano trouxe a idéia de uma apresentação de música erudita feita pelos próprios alunos. Sabe-se que diversos acadêmicos tocam piano, violão, violino erudito, entre outros instrumentos, empenhando o Maestro Moreno em audicionar os interessados para a apresentação, que deverá acontecer no segundo semestre desse ano. Os interessados em participar dessa apresentação devem conversar com o CAOC para agendar as audições com o Maestro.

Arthur Hirschfeld Danila é acadêmico da FMUSP e membro da gestão CAOC 2007.

Data	Programa
20/03 OSUSP e a Música de Câmara	Grupo DURUM Percussão Brasil: Fernando Chaib, Leonardo Prado, Ricardo Appezzato, Richard Fraser, Rodolfo Vilaggio
27/03 OSUSP e a Música de Câmara	Duo Celestial: Flauta: Renato Kimachi, Harpa: Marcelo Penido
03/04 OSUSP e a Música de Câmara	Duo: Piano: Sarah Hijino, Flauta: Helder Teixeira
10/04 OSUSP e a Música de Câmara	Música Barroca "Gli Amanti dei Sospiri" Cantatas Francesas: Tenor: Alberto Pacheco, Flauta Transversal: Marcello Stasi, Violoncelo Barroco: Teresa Cristina Rodrigues Silva, Cravo: Rose Ana Carvalho



DC Informa



Av. Dr. Arnaldo, 435 - subsolo, CEP: 01246-903

Tel: 3061-7410

E-mail: dc@usp.br

Site: www.dcfmusp.com.br

Liga da Sífilis - 87 Anos de Dedicção

A Liga da Sífilis, a mais antiga e tradicional da faculdade, desde 1920 proporciona um atendimento de qualidade aos pacientes com doenças sexualmente transmissíveis. Essa qualidade não se revela apenas por meio dos procedimentos terapêuticos empregados, mas, principalmente, por meio de um atendimento integral, coerente com um dos objetivos da Liga: auxiliar o desenvolvimento, pelo estudante, de uma boa relação médico-paciente desde o primeiro ano de faculdade.

Na Liga, o estudante tem a oportunidade de aprender na prática procedimentos essenciais ao profissional de saúde, como a coleta de sangue e a aplicação de injeção intramuscular. Mas o tratamento das doenças sexualmente transmissíveis vai muito além disso: o enfoque deve ser dado à conscientização da população sobre o tema, e, portanto, à prevenção. Dessa maneira, o acadêmico da liga deve se tornar apto a conversar adequadamente com seus pacientes. A experiência adquirida em comunicação lembrando que o assunto é delicado e freqüentemente visto com preconceito - é única, e certamente será muito útil na carreira do futuro profissional.

Considerando ainda que os acadêmicos são divididos em pequenos grupos (salas) e que cada sala é responsável por seus próprios pacientes - sob a supervisão de residentes da Dermatologia do Hospital das Clínicas - o vínculo com os pacientes e a autonomia são estimulados, proporcionando aprendizado fundamentado na ética e responsabilidade.

Desta maneira, a Liga de Combate à Sífilis e a Outras DSTs (ALGS), tendo sido pioneira no atendimento acadêmico à população, ainda hoje se encontra à frente nas iniciativas de ensino humanizado da FMUSP, ao ser uma das poucas a garantir o contato precoce do estudante com o atendimento ambulatorial no HC.

O curso introdutório para o ingresso na liga deverá ocorrer em abril. Todos estão convidados, especialmente o primeiro ano, a fazer parte de sua longa história de dedicação à população.

Dúvidas mais freqüentes...

Calouro(a): Paguei por uma revista, fui explorado?

DC: Sim! A Revista de Medicina é uma revista acadêmica editada por nós desde 1917! Por ser acadêmica é de graça.

Calouro(a): Para saber os cursos que estão acontecendo tenho que ir até o DC?

DC: Não. Você verá cartazes espalhados por toda a faculdade e ainda receberá mensagens eletrônicas avisando sobre os cursos. Fique esperto - as inscrições têm que ser feitas

no DC. Calouro, faça suas inscrições com antecedência, pois as vagas costumam acabar cedo (ainda mais agora que o DC fará cursos especiais para calouros).

Calouro(a): Se eu me perder no PAMB o que eu faço?

DC: Siga a linha amarela até o 4º andar. (A saída é sempre no 4º andar).

Calouro(a): Dá para descolar um trabalho no DC?

DC: Claro! As portas estão abertas para todos que queiram trabalhar no DC não importa se você gosta de traba-

lhar com os braços, se você é um super Nerd como o Papai Sensual, ou se você vive quebrando a mão como uma gazela desvairada... a gente sempre tem um lugarzinho para você.

Calouro(a): É verdade que o Sensual é pai?

DC: Ele nega até a morte e por isso podemos apenas apresentar os fatos: (1) ele é responsável pelo nascimento de uma criança em Maringá (2) a pobre moça teve que casar com outro cara (3) ela não convidou o Sensual para as festividades.

XXVI COMU

CONGRESSO MÉDICO UNIVERSITÁRIO FMUSP

Olá Calourada! Para nós do Departamento Científico é uma grande alegria recebê-los na gloriosa Casa de Arnaldo! Como vocês já devem saber, o DC tem como objetivos a promoção de atividades de extensão universitária e o incentivo à produção científica. O COMU, Congresso Médico Universitário, é um evento organizado anualmente com esse intuito desde 1982 e faz jus à grandiosidade da nossa amada FMUSP.

A programação do COMU é composta por cursos, palestras, mesas redondas e workshops, além da apresentação de trabalhos científicos realizados por acadêmicos de medicina em diferentes áreas.

É comum que muitos dos alunos do primeiro e segundo anos não se sintam preparados para freqüentar um congresso, mas isso ocorre porque não

conhecem a proposta do COMU. Seus dezesseis cursos e cerca de sete workshops, além das diversas palestras, são elaborados com cuidado para atingir alunos de diferentes anos e interesses. Em outras palavras, escolhemos alguns temas especificamente para vocês, calouros!

Não percam o XXVI COMU, que será realizado entre os dias 15 e 26 de outubro de 2007. Contamos com a presença de 800 inscritos, além dos quase 200 palestrantes. É importante lembrar que nos intervalos entre os cursos organizamos coffee-breaks ao som de um grupo musical para que os alunos possam se beneficiar do ambiente de integração do evento e também se divertir. Mais informações e a programação completa do evento serão disponibilizadas ao longo do ano! Espero todos vocês!

Pedro Kallas Curiati (93) é acadêmico da FMUSP, Vice-presidente do DC e Presidente do XXVI COMU.



Março

12 a 15: C. Int. à Liga de Controle da Epilepsia

C. Int. à Liga de Osteoporose
C. Int. à Liga de Pnucicultura
19 a 22: C. Int. a Liga de Asma
26 a 29: C. de Atualização e Int. a Liga de Terapia Interativa

Junho

11 a 14: C. Int. à Liga de Cirurgia de Cabeça e Pescoço

Outubro

15 a 26: XXVI Congresso Médico Universitário

* C. Int.: Curso Introdutório

Envie seu artigo científico para a publicação na REVISTA DE MEDICINA do Departamento Científico do CAOC da FMUSP

A Revista, de caráter acadêmico, conta com 90 anos de prestígio e tradição. Além de deter um público alvo presente em quase todo território nacional e em outros países, é indexada à base LILACS.



REVISTA DE
MEDICINA



Os trabalhos devem ser encaminhados para dc@usp.br ou entregues pessoalmente no Departamento Científico Av. Dr. Arnaldo, 455 (subsolo) tel.:30667410/fax:30622922

INSTITUIÇÕES

Show Medicina: a história da Tradição

São Paulo, março do Ano do 65º Show Medicina

Fernando Melhado Tovo (92)

Os membros do glorioso Show Medicina são freqüentemente indagados pelos membros da não menos gloriosa Casa de Arnaldo. Estes querem saber o porquê de tamanha tradição, como surgiu e como se mantém tão soberana ao longo de décadas. É, já estamos no ano 65 de nossa "Zélia", digo, de nossa "Era". E ainda dizem que não há pessoas da terceira idade no Orkut!!! Parece pouco para quem está do lado de fora, mas as histórias acumuladas, as tradições e os folclores, os livros escritos, ultrapassam em muito as do nosso país, equiparando-se às da Pangéia, Atlântida e Káztrillyandy.

Não posso aqui, pela falta de tempo e pelo caráter informal, não epidendro texto, de tal revelação, contar-lhes toda. Destacarei ao longo destes anos, em outros artigos, apenas algumas passagens de nosso imortal pelos quatro cantos e muitas dimensões deste planeta.

De início, pela extrema complexidade do assunto e riqueza de pormenores, contarei nossa história transcrevendo trechos de alguns livros e obras de arte que contêm reverências à Tradição. O escritor russo Fiódor M. Dostoiévski, em sua obra "Zapiski iz Mèrtvago Doma", leia-se "Memórias da Casa de Arnaldo", no capítulo XI O Espetáculo, relata suas impressões sobre o Primeiro Show Medicina:

"Dias idos de outubro, certa noite de lua - realizou-se a primeira representação do nosso Show. ("Nosso" pela amizade e proximidade do autor ao Zelador Dr. Américo e aos estrelas). Os preparativos para sua organização deviam ter sido muitos; mas os estrelas arranjaram-se de tal maneira que nós não percebíamos o caminho que as coisas iam levando nem o que faziam, ao certo. Também não sabíamos bem o que iam representar. Todas as costureiras, durante os últimos dias, ao se dirigirem para a Faculdade, esforçavam-se o mais que podiam por arranjar os trajes necessários. Américo, quando se encontrava comigo, limitava-se a fazer castanholar os dedos, de tão contente que andava. Parecia que o diretor da FMUSP também estava de bom humor. Aliás, nós ignorávamos completamente se ele sabia qualquer coisa do Show. Se sabia, daria autorização formal ou decidiria simplesmente guardar silêncio, encolhendo os ombros perante aquela travessura dos estrelas e exigindo, naturalmente, que tudo se fizesse o mais ordenadamente possível. Penso que ele es-

tava a par do teatro, que fatalmente havia de saber, mas que não queria imiscuir-se no assunto, compreendendo que talvez fosse pior proibi-lo; os alunos costumavam fazer disparates, arrumar brigas, por isso era preferível que se ocupassem com o Show. Atribuo este pensamento ao diretor, unicamente por ser o mais natural, provável e santo. Também poderia acontecer que dissesse para consigo: "Se os alunos não arranjarem o Show nos dias de "ensaio" ou alguma distração do gênero, seriam os próprios cátedras que deviam encarregar-se de imaginá-lo." Mas como o nosso diretor se distinguia precisamente pela sua maneira de pensar diferentemente de todos os outros mortais, incorro em imprudência ao atribuir-lhe tamanha responsabilidade, supondo que estava informado do Show e que tinha o seu consentimento para ele. A um homem como o diretor era absolutamente necessário tirar algo a qualquer outro, despojar um terceiro dos seus direitos; em suma, alterar a ordem de qualquer maneira. A este respeito era célebre em todo o complexo HC. Que lhe importava a ele que, precisamente por causa da sua opressão, se produzissem atrevimentos na Faculdade? Os castigos fizeram-se para a insolência (assim pensam os indivíduos da têmpera do nosso diretor); com esses alunos é preciso uma severidade rigorosa, aplicação estrita da lei... Isso é que é preciso e nada mais! Estes inflexíveis cumpridores da lei não compreendem que a sua aplicação estrita, sem discernimento, sem compreensão da sua alma, conduz diretamente à desordem e nada mais pode gerar senão desordem. "A lei é o que diz, portanto, que mais?", dizem eles e espantam-se sinceramente de que se lhes exija como complemento, ao aplicar a lei, um juízo são e uma mente lúcida. Sobretudo isso parece a muitos deles um luxo supérfluo e irritante, uma opressão feita sobre a sua personalidade, uma intolerância. Mas, fosse como fosse, o vice-diretor não foi desfavorável à pretensão dos estrelas e disto é que eles precisavam. Posso afirmar que o Show e a gratidão por o terem consentido eram a causa que, nos dias de ensaio, não se produzissem em toda a faculdade uma desordem, nem um incidente. Fui testemunha de que os estrelas faziam calar alguns bêbados e brigões, somente com o receio de que proibissem o Show. O vice-diretor obteve a palavra dos estrelas de que tudo se faria com ordem e de que eles se portariam bem. Concordaram e cumpriram religiosamente a sua promessa; ficaram muito lisonjeados

por terem confiado na sua palavra. É preciso dizer também que dar consentimento para a realização do Show não implicava (implica) o menor sacrifício para os superiores. Não era necessário marcar previamente os lugares; o cenário e a contra-regra armavam-se e desarmavam-se em uma hora. A representação devia durar uma hora e meia e, se recebesse de repente indicação superior para suspender o Show, tudo seria recolhido em pouco tempo. Os trajes tinham-nos as costureiras escondidos nos seus baús. ... Não havia um roteiro especial manuscrito, exceto para o BUM. Os alunos supunham que a fama no nosso Show se estendia até bem longe, pelo HC e até pela cidade, tanto mais que nela não havia grandes espetáculos. Os estrelas ficavam contentes como crianças por menor que fosse o êxito e punham-se todos ufanos. "Quem sabe - pensavam e diziam no seu íntimo - se os cátedras virão a saber e virão assistir; então é que eles veriam o que são os estrelas!" Não se tratava de nenhum espetáculo medíocre. Aqui são estrelas, verdadeiros estrelas, que representavam uma comédia de "doutores"; um Show assim não existe na cidade. Enfim, a fantasia dos estrelas, sobretudo do primeiro êxito, tocou o extremo nos dias de ensaio, chegaram até a imaginar recompensas ou adiamento dos prazos dos trabalhos, embora ao mesmo tempo se pusessem logo depois a rir como crianças dos seus próprios sonhos. Eram umas crianças, completamente umas crianças, apesar de alguns dos que representavam (Sr. Zelador Dr. Américo e Ágaschyz) terem já os seus quarenta anos. Mas, apesar de não haver programas, eu conhecia já a grandes traços o programa do projetado Show. Devo reconhecer que os estrelas souberam dominar-se e manter a sua dignidade; para admirar as tiradas dos estrelas e falar dos "preparativos" do teatro, era preciso ser, ou calouro sem autodomínio, ou então um sapo cuja autoridade estivesse solidamente estabelecida e que pudesse exprimir os seus sentimentos sem rodeios, ainda os mais ingênuos (o que na Faculdade é o pior dos defeitos). Os demais alunos, não estrelas, escutavam os boatos e calavam-se; verdadeiramente não censuravam nem contradiziam; mas punham o maior empenho em receber os rumores acerca do Show com indiferença e, em parte, também com desdém. Somente no fim, já quase no próprio dia do espetáculo, é que começaram todos a interessar-se. "Que será? Que farão eles? E o diretor? E a diretoria? E a diretoria???"

Américo afirmava-me que os estrelas tinham sido muito bem escolhidos, que cada um deles estava onde devia estar; que o papel da "cirurgiã" e costureira-mor também seria feito pelos estrelas. Sabemos que esse Show não tem autor conhecido, que toda a gente conhece, que talvez nunca seja impresso, mas que constitui e representa, só por si, o patrimônio indispensável de toda alegria e magia na Faculdade. Não quero acreditar que tudo quanto vi depois entre nós, no nosso Show, fosse invenção dos nossos alunos. Trata-se, sem dúvida, de uma herança da tradição, de idéias e conceitos estabelecidos de uma vez para sempre e que se vão transmitindo de geração em geração e desde tempos imemoriais. Durante a época de ensaios, todos os dias, antes de anoitecer, enviavam alguém a pedir humildemente ao Zelador Dr. Américo que desse autorização para o "SShow" e não fechasse logo o teatro, acrescentando que era preciso ensaiar e que não se produziria nenhuma desordem. O Américo fazia este raciocínio: "De fato, ontem não houve desordem e agora me dão eles a sua palavra que esta noite também não haverá; isto é, eles se encarregam de vigiar e isto é o melhor de tudo. Se não dou autorização, não seria improvável que provocassem intencionalmente alguma desordem e fizessem sair a guarda - leia-se Thadhevtz e Xhágatz." E por fim este outro: "Isto aqui, na Faculdade, é um aborrecimento, ao passo que no teatro há um Show, não um simples espetáculo, mas de estrelas, e estes são gente curiosa; será uma distração ir vê-los."

Este é um testemunho de Fiódor M. Dostoiévski, que presenciou, e colaborou com, o nascimento do Show Medicina no período em que esteve no Brasil. Sua estada durou quase 10 anos; encontrou no Show Medicina um refúgio ao regime czarista que o perseguia. Reproduzi aqui apenas um pequeno trecho. Se quiser a história toda procure pelo título em qualquer livraria.

Fernando Melhado Tovo é acadêmico da FMUSP e estrela do Show Medicina



SHOW
MEDICINA

Álbum



Turma 94 assiste à aula inaugural no Teatro da FMUSP



Sexto ano canta "Não posso ficar..." aos Calouros



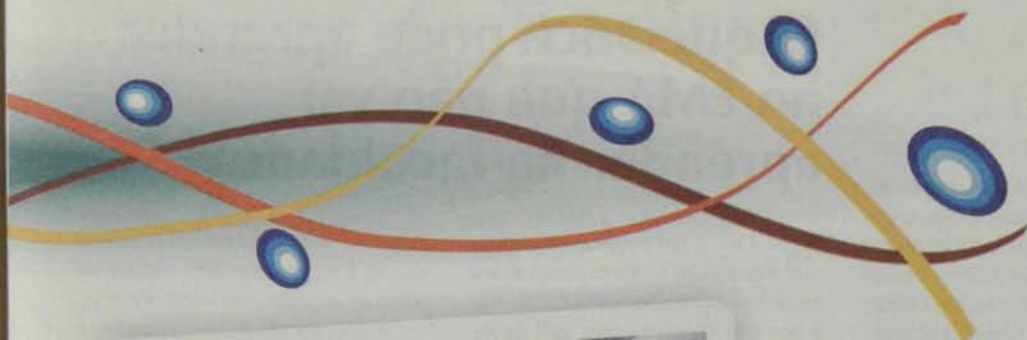
Bateria Duracell toca no churrasco dos Calouros



Sexto-anistas comparecem ao churrasco na Atlética



Lucas, Carol, Sofia e Tuim curtem o MedSamba



ForroFITo, Canecada do DC e Esfíhoda do CAOC lotam o porão




Desirêe e Marcela escolhem camiseta da 95 na loja do CAOC




Danielle, Bruna, Nicole, Márcia e Ana Cláudia se deliciam com a Salamada do DC



Jaqueline, Juliano, Arthur, Flavinho e Carol aproveitam a balada do CAOC



RS DESIGN



Projetos diferenciados de:

- Web sites
- CD ROM's
- Logomarcas
- Folders
- Flyers
- Pastas
- Embalagens

Viste nosso site:
<http://www.agenciars.com.br>

Rua Hungria, 574 cj82 - 01455-000 Jardim Europa - São Paulo - SP
Tel.: (11) 3812.2181 - Fax.: (11) 3813.1097

INSTITUIÇÕES

Medicina Jr.

O que é Missão, Visão e Valores de uma instituição?

Você já deve ter visto espalhados pelo IOT, ICHC, ICR, outras instituições e empresas placas e cartazes dizendo qual é a missão, visão e valores da instituição. Mas o que isto realmente significa? Vamos tentar explicar estes conceitos.

Missão: A missão é a razão de ser da empresa. Ela representa qual é o "negócio" da empresa ou instituição e por que ela existe, ou ainda, em que tipos de atividades a empresa deverá concentrar-se no futuro. Uma empresa não se define pelo nome, estatuto ou produto que faz e sim pela sua missão. Por isso uma definição clara da missão é a razão da existência da empresa e torna possíveis, claros e realistas os seus objetivos. A declaração de missão da empresa visa comunicar interna e externamente o propósito da empresa, definindo o que ela é e o que faz. E é através da sua missão que as empresas definem o seu campo de atuação. A elaboração da missão de uma empresa deve:

Destacar as atividades da empresa, incluindo mercados que ela serve, as áreas geográficas em que atua e os produtos e serviços que oferece;

Enfatizar as atividades que a empresa desempenha e que a diferenciam de todas as outras empresas do mercado;

Tomando como exemplo a missão do Med Jr, temos: Gerar e disseminar conhecimento em administração em saúde para os alunos da graduação da FMUSP, por meio de atividades inerentes a uma Empresa Júnior.

Valores: É um conjunto de crenças e princípios que orienta as atividades e operações de uma organização, independente de seu porte. E é através destes conceitos que a empresa enfrenta todos os tipos de opções, alternativas e decisões diariamente. Com os valores da empresa definidos, esses princípios e crenças podem guiar os gerentes e funcionários nas tomadas de decisões, ajudando a enfrentar situações complicadas para as quais não há respostas fáceis. Quando ocorrer o inesperado, a empresa estará preparada para reagir rápida e decisivamente, baseado em uma clara compreensão do que realmente importa.

O alto escalão da empresa deve mostrar na prática seus valores e os sistemas de incentivos e recompensas da

empresa devem fazer com que as atitudes de todos os funcionários sejam coerentes com os valores da empresa.

Valores do Med Jr: Ética, Pioneirismo, Valorização da FMUSP, Enfoque educativo, Responsabilidade Social e Humanismo.

Visão: Representa o que a empresa deseja se tornar, o que a empresa quer que as pessoas falem como resultado do seu trabalho. Entre outras palavras, procura-se responder a pergunta básica: "Onde você quer que sua empresa chegue e que tipo de empresa gostaria que ela fosse?" É importante que as pessoas, dentro de uma empresa ou grupo de trabalho, tenham uma visão ou uma imagem da direção que desejam seguir e o tipo de empresa que querem criar. É importante que, no dia-a-dia da empresa, todos ajam de forma a contribuir para a criação desse futuro.

A visão identifica os limites que os principais responsáveis pela empresa conseguem enxergar dentro de um período de tempo mais longo e uma abordagem mais ampla.

A visão do Med Jr é: Ser uma Empresa Júnior sólida, auto-suficiente e referência em administração em Saúde para os alunos da graduação da FMUSP.

Assim, é baseado na missão, valores e visão que as empresas e as instituições planejam e direcionam suas estratégias e ações para conseguirem atingir o objetivo a que elas foram criadas e buscam chegar onde pretendem, seguindo sempre seus conceitos de valores.

Como atividade tente reler a missão, visão e valores dos institutos do HC e veja se agora eles lhes trazem mais informações sobre a instituição.

Para tentar atingir a sua missão de trazer um pouco de conhecimento de administração aos alunos da Faculdade de Medicina, o Med Jr desenvolve, entre outras ações, as atividades da Liga de Gestão em Saúde que tem aulas semanais todas as terças-feiras às 18h45 com palestrantes que procuram trazer um pouco de conhecimento teórico e da sua experiência prática na área de gestão em saúde. O curso da liga acontecerá entre os dias 26 e 29 de março às 19 horas. Contamos com sua participação! Venha nos conhecer melhor! Qualquer dúvida nos escreva: medicinajr@yahoo.com.br

O que você pode aprender no EMA que não vai aprender na faculdade

O EMA é um projeto voluntário que proporciona ao aluno contato com pacientes e trabalho humanitário. Mas o que o aluno ganha com isso? Desde o início da graduação os alunos já começam a ter contato com pacientes, começando na disciplina de Atenção Primária à Saúde e, mais tarde, nos cursos de propedêutica e nas ligas acadêmicas. Então, o que faz do EMA um projeto diferenciado e uma experiência única?

É importante esclarecer, principalmente para os calouros, que as atividades realizadas pelo EMA em nada se parecem com aquelas do curso de Atenção Primária à Saúde. Neste curso o contato com o paciente é apenas superficial, limitado a visitas domiciliares (as tão famosas VDs) que visam reconhecimento das características sociais e ambientais da comunidade em questão. Já no EMA, o compromisso com o paciente está em primeiro plano: nossos pacientes são vistos como seres humanos completos, que sofrem influência da comunidade onde vivem, da condição social em que estão inseridos, sem esquecer, é

claro, de suas características pessoais. No EMA, o voluntário aluno do primeiro ao sexto ano - aprende muito mais do que simplesmente fisiopatologia, propedêutica e tratamentos, aprende algo que em nenhum curso da faculdade será ensinado (por mais que a Graduação tente!) que é enxergar o doente como ser humano e desenvolver um relacionamento interpessoal sólido. Desde o início da graduação os alunos desta Casa são bombardeados com as aulas e mais aulas sobre a "relação médico-paciente", mas em raros momentos do curso têm a oportunidade de estabelecer um vínculo satisfatório com os pacientes, visto que os cursos de Bases Humanísticas e de Psicologia Médica são puramente teóricos e os cursos de Propedêutica e Clínica dão muito pouco enfoque ao caráter humano da medicina.

Assim sendo, no EMA o aluno tem a oportunidade de aprender uma medicina humanizada e voltada para o ser humano, não para o doente.

Diretoria E.M.A. 2007

História da Bandeira Científica

O Projeto Bandeira Científica teve início no ano de 1957. Neste período, as expedições eram coordenadas por professores da FMUSP, dentre os quais os Profs. Leônidas Deane, Erney Camargo, entre outros, e tinham como principal objetivo colocar os alunos da FMUSP em contato com as diferentes realidades brasileiras, através de trabalho extra-muros baseado em ações educativas à população e projetos de pesquisa de campo.

As primeiras Bandeiras visitaram diversos Estados brasileiros, incluindo MS (Campo Grande, Miranda e Aquidauana); CE (Vale do Cariri, Sobral e Viçosa); PA (Vila de Santana e Cachoeira do Ariri na Ilha de Marajó); AP (Macapá, Vila de Santana e Serra do Navio); e BA (Ilhéus e Uruçuca).

Em 1969 ocorreu a última Bandeira desta fase. As expedições foram interrompidas devido à realidade político-social da época, afinal, um grupo de alunos com um professor de-

envolvendo atividades comunitárias fora da Faculdade era no mínimo, subversivo. Após uma latência de 30 anos, um grupo de alunos que consultava arquivos da FMUSP se mobilizou para reativá-la. As ações foram retomadas em 1998. Além das atividades fundamentais de educação e pesquisa, a partir de 1999 foi introduzida a vertente assistencial, materializada no atendimento à população local com elaboração do diagnóstico populacional de saúde, o que representou uma grande contribuição social do projeto para a comunidade visitada além de uma experiência adicional e inédita para os alunos da FMUSP. As realizações nesta nova fase foram: Cajati-SP e Eldorado-SP (Vale do Ribeira), em 1998 e 1999 respectivamente; Monte Negro-RO em 2000; Buriticupu-MA em 2001; Serra dos Aymorés-MG em 2002; Presidente Epitácio-SP em 2003; Teotônio Vilela e São José da Tapera-AL em 2004; João Câmara, Jandaíra e Bento Fernandes

SEMANA DE RECEPÇÃO

95 anos de Tradição

Arthur Hirschfeld Danila (94)
Isabela Neto Aguiar (94)

Pinheiros. Esse é um nome que assusta quando se está no cursinho e se quer fazer medicina. Assusta por ser, talvez, uma das mais difíceis de entrar e mais sonhadas; também, por apresentar visões prejudiciais em relação ao tipo de aluno. Na visão de fora da Faculdade, os alunos são arrogantes, nerds, se acham, são pessoas fora do normal e por aí vai. Mas será que esse olhar muda quando se é aprovado nessa Faculdade?

A redação d'O Bisturi resolveu, então, realizar uma pesquisa com os calouros da turma 95, para saber o que pensavam e o que agora pensam da Faculdade.

Antes de entrar na Faculdade, qual a visão que tinham da Pinheiros?

A maioria dos calouros, antes de serem aprovados, tinham uma visão utópica, como definiu muito bem o Mateus Aranha. Para ele, era um lugar difícil de entrar, achava que não ia conseguir a aprovação, mas, ao mesmo tempo, sonhava em entrar aqui. Alguns também tinham opiniões prévias a respeito dos alunos. Achavam que o pessoal aqui "se achava", que eram pessoas "fora do normal", sérias demais, sísdas, nerds, enfim, se encaixavam em diversos estereótipos. Houve pessoas

em 2005; e Machadinho D'Oeste-RO em 2006. Todas estas expedições buscaram o estímulo de parceiras locais com as prefeituras, universidades de referência para seguimento dos pacientes e organizações comunitárias.

Em 2002 a Bandeira Científica ampliou seus horizontes criando a primeira equipe multi-profissional do projeto com a inclusão da fisioterapia. A partir de 2005 foi incluído pela primeira vez um curso de outra unidade da USP, a nutrição. Em 2006, a maior investidora expansionista da Bandeira Científica resultou na cooperação de 6 unidades da USP e duas universidades locais no estado de Rondônia.

Este, brevemente, é o passado da Bandeira... o Futuro? Está nas mãos, nos sonhos, na imaginação e no empenho de cada um de nós... sejam muito bem-vindos à Bandeira Científica!

Diretoria Bandeira Científica 2007

que também definiram a Pinheiros como uma Faculdade com ótimo conceito, fato que contribuiu para sua definição como faculdade ideal, perfeita, um sonho, mito, utopia.

Hoje, depois da matrícula e da semana de recepção, o que mudou nessa visão?

A opinião de todos os calouros a respeito da faculdade mudou depois de ter conhecido melhor os veteranos e a própria faculdade e suas instituições. A matrícula e a semana de recepção, muito receptivos aos calouros, promoveram grande integração e fizeram a visão dos calouros mudar, a achar a Faculdade mais tranqüila, um ambiente alegre e na qual foi fácil de se enturmarem. A maioria achou as pessoas legais e normais. A caloura Vivian Barros não se conteve: "é difícil acreditar que existe um lugar tão legal, em todos os sentidos". A expectativa foi superada por todos os calouros. O Mateus apresenta a opinião que resume todas as outras: "tive uma lua de mel com a faculdade. Quero conhecer tudo e estou achando esta Faculdade maravilhosa. Fico muito feliz em saber que toda a estrutura da FMUSP está ao alcance do aluno".

Qual a sensação de receber a notícia da aprovação?

Enquanto alguns acham que é a realização de um sonho, outros acham que a sensação é de alívio, de sensação cumprida; outros ainda não se mostraram tão eufóricos, ficaram apenas felizes. O fato é a certeza indescritível que você é uma pessoa entre as mais inteligentes do país e que foi capaz de passar num dos concursos mais concorridos e difíceis do país. Todos os entrevistados citaram a felicidade como sensação máxima do momento. Além disso, há aqueles que ainda não acreditam terem sido aprovados.

Quais as expectativas a respeito do seu primeiro ano?

A maioria dos calouros pretende conciliar o estudo com as atividades extracurriculares, oferecidas pela maioria das instituições acadêmicas. Eles não fazem a mínima idéia de como será, por isso estão muito ansiosos. Acham que o período de adaptação vai ser o mais difícil no primeiro semestre, mas vão tentar balancear as coisas, aproveitar de tudo um pouco. Apesar do medo, as amigas criadas na semana de recepção e na matrícula faz com que eles fiquem mais tranqüilos, pois sabem que não estão sozinhos. Sabem, também, que o ano será bem cansativo e esperam ter animo para participar da maior parte possível de atividades.

O que achou da semana de recepção? O que manteria? O que mudaria?

Todos adoraram a semana de recepção, não esperavam que fosse tão legal. Acharam maravilhoso não existir o trote, e isso fez com que ficassem com mais vontade de vir à faculdade e conhecer melhor as pessoas, que foram receptivas e amigáveis. Todos se sentiram bem recebidos e, aliás, não esperavam que em qualquer lugar pudessem ser tão bem recepcionados. A opinião geral também mostra que os primeiros dias foram muito legais, que as programações foram bem organizadas, no entanto, as visitas aos hospitais deveriam ser revistas, tanto a visita ao HC quanto à Cidade Universitária, principalmente essa última. A opinião sobre as festas foi consenso geral de que estavam ótimas.

O que você acha sobre as várias instituições da faculdade. Você pretende fazer parte de alguma delas, a partir das palestras ocorridas na semana de recepção?

A opinião de todos os entrevistados é a de que as instituições acadêmicas são necessárias à vida do estudante de Medicina, que estão bem estruturadas e que têm participação ativa na vida dos alunos da faculdade. Pela visão que tiveram a partir das palestras, acharam todas as instituições muito bem organizadas, fazendo com que todos pretendam fazer parte de pelo menos uma instituição acadêmica.

O que você acha de ter aulas na Cidade Universitária nos 2 primeiros anos?

A resposta unânime foi ser "horível", "péssimo" ou qualquer outro sinônimo dessas palavras. Os motivos são a dificuldade de locomoção para a Cidade Universitária e pelo fato de ela estar localizada num lugar pouco acessível. Não há metrô perto e os ônibus que passam por lá geralmente estão cheios e, não raro, são demorados.

O que você espera do bandeirão?

A visão dos calouros é a mais estereotipada possível. É consenso que a fama do bandeirão não é muito boa, porém, eles esperam encontrar comida feita com higiene e que tenha um sabor, no mínimo, razoável.

Como foi a recepção dos veteranos?

Todos os entrevistados revelaram que a recepção dos veteranos foi calo-

rosa e visou a integração dos novos alunos ao ambiente da faculdade. Os veteranos foram amigáveis, atenciosos e tiraram todas as dúvidas que surgiram.

A redação d'O Bisturi também resolveu realizar uma pesquisa com os veteranos, para que pudessem comentar sobre a semana de recepção.

O que mudou na semana de recepção 2007 em relação à sua semana de recepção?

A opinião da maioria dos veteranos foi de que a semana de recepção 2007 foi melhor do que quando era calouro. Um argumento que sustenta essa opinião foi a melhoria das festas, pois tinha mais gente, e houve maior integração, tanto com a FOFITO quanto com a nutrição. Além disso, um ponto importante foi a integração entre o CAOC, a AAAOC e o DC, caso inexistente nos anos anteriores. O Rafael Sasdelli apenas não gostou da invasão que fizeram na salamada do DC, mas achou os churrascos e o coquetel bem legais. O Eduardo Hideo discorda da opinião dos outros veteranos porque achou que as instituições estavam muito juntas: na sua opinião, seria melhor que as separassem.

O que mudou na sua visão em relação à Faculdade e às instituições acadêmicas?

Na opinião deles, a visão da Faculdade e das instituições acadêmicas não mudou muito, a não ser pela mudança na gestão do CAOC, o que fez haver maior integração entre todas as instituições, o que é positivo para a Faculdade. Essa integração faz diferença, segundo outros veteranos.

Quanto podem dizer aos mais novos?

As respostas a essa questão foram variadas. Um deles disse que era para os calouros estudarem, outro disse para não comprar todos os livros, para matar aula, para ir às festas e estudar para passar de ano. Outro ainda, disse para aproveitar tudo o que a faculdade tem para eles, tudo o que há disponível, não só na parte de diversão e na parte pessoal, quanto na parte acadêmica, porque esta é uma das melhores Faculdades de Medicina do Brasil, e os recursos que se tem aqui devem ser muito bem aproveitados.

Arthur Hirschfeld Danila é acadêmico da FMUSP e membro da gestão CAOC 2007. Isabela Neto Aguiar é acadêmica da FMUSP.

